

NOVAS DA GALIZA

— I PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA I —



"Entregamos estes símbolos ao seu proprietário, o Governo galego, mas se de nós dependesse seriam destruídos"

Alberte Moço Quintela, dirigente de NÓS-UP, na seqüência da campanha contra a simbologia fascista

PÁGINA 04



A Directiva apadrinhada por Bolkestein -na foto- ameaça com a liberalização completa dos Serviços Públicos na UE / Arquivo NGZ

Directiva Bolkestein e Real Decreto-Lei 5/2001 poderão avançar sem demasiada oposição

GALIZA ENFRENTA ADORMECIDA AS PRÓXIMAS REFORMAS LABORAIS

Isto é o que se pode interpretar da distração generalizada com que estão a ser recebidas as novas normas laborais. Quanto à Directiva sobre Serviços no Mercado Interior (Bolkestein) que a Europa quer pôr em andamento sem se importar com o 'nom' francês à Constituição nem com as mobilizações estudantis nesse país, CCOO e UGT consideram que se trata "só de uma ameaça que nom se vai consumir". Som os mesmos sindicatos que há ano e meio

começaram a negociar no Estado espanhol o Real Decreto-Lei 5/2001, que tanto a esquerda como a direita querem fazer passar sem demasiada barulho. Zapatero, Méndez e Fidalgo dizem "ir negociar com a maior das flexibilidades" e a direita, apesar de o patronato considerar "insuficiente" a reforma, está mais preocupada com fazer oposição à custa do nacionalismo basco e catalão. O sindicalismo nacional é, no entanto, contundente: "Nem o governo do PP se atre-

vera a tanto", afirmam na CIG, cuja análise é compartilhada também pela CUT ou o anarco-sindicalismo. Mas as reformas que poderão agravar a situação de uma Galiza que conta com um índice de precariedade laboral de 35%, nom virá a ser, segundo quase todos os prognósticos, o baluarte dos direitos da classe trabalhadora: com só 6% de filiação sindical, é claro que os assalariados e as assalariadas desconfiam até de qualquer enquadramento sindical. / Pág. 10

Feminismo, sempre imprescindível

Marcha Mundial das Mulheres mobiliza-se com este slogan num novo 8 de Março



O lema escolhido neste ano 2006 pela Marcha Mundial das Mulheres tem dupla validez: umha geral e outra contextual. Quanto à primeira, constata como este movimento tem sido nos últimos dous séculos, e com certeza continuará a ser, um dos principais motores do progresso moral da sociedade, e nom apenas no que di respeito aos direitos das mulheres. Em relação à segunda, as conquistas legais do feminismo nos últimos meses, na seqüência das mudanças de cor política dos executivos madrilenos e compostelanos, poderia adormecer umhas reivindicações que nem de longe fôrom ainda satisfeitas. Nom foi isso o que se percebeu, porém, no passado dia 8 de Março, em que mais mulheres do que nunca se encontrârom na rua. Saïrom conscientes de que os pequenos avanços no relativo à

visibilização de certos problemas poderãom servir à política institucional para ocultar realidades que evita enfrentar. A democracia paritária ao nível das conselharías, por exemplo, é umha excelente máscara das desigualdades ao nível dos cargos que ficam por baixo das anteriores. E nom só, narcotizam a sociedade em relação a realidades ainda mais cruas, no âmbito laboral ou no singelamente vivencial de cada mulher galega. Tampouco esquecerom as feministas, num novo Dia da Mulher Trabalhadora, o papel da igreja como condicionadora destes pequenos avanços. Nunca está de mais lembrá-lo, e muito menos depois de que certa esquerda ocidental alinhasse com o Vaticano para defender a 'liberdade de expressão' de fazer garatujas com o rosto de Maomé. / Pag. 14

E AINDA...



CENTRO SOCIAL 'A REVOLTA' recupera a figura do Merdeiro para o Entrudo viguês / 16

A COMARCA DO RIBEIRO já conta com um local social galeguizador: *Arrincadeira* / 18

A CIG CONTINUA a denunciar a continuidade de altos cargos do PP na Administração / 04

SINDICATOS AGRÁRIOS ponhem em questom as medidas restritivas contra a gripe das aves / 05

A alegria do vencedor, por Santiago Alba Rico / 2



Despovoação impossibilita mobilização a favor da língua na comarca da Seabra

A saúde do galego depende da vontade de autarcas com compromisso cultural / 13



A alegria do vencedor

SANTIAGO ALBA RICO

“IMAGINO OS 793 HOMENS MAIS RICOS DO MUNDO A DAR SALTOS DE ALEGRIA DIANTE DOS 1.200 MILHONS DE SEDENTOS ENQUANTO OS ESPECTADORES ENVENENADOS APLAUDIMOS OS MAGNATES E DEPREENCIAMOS EVANGELICAMENTE OS QUE PEDEM ÁGUA”

Christophe Fauvau, um militar reformado, queria que os seus dous filhos fossem grandes campeões de ténis e fijo todo o possível para o lograr: durante dous anos dedicou-se a drogar os rivais com soníferos e ansiolíticos, dolosamente fornecendo numha solidária garrafa de água. Homenagem viva a este afam de superaçom, as suas 27 vítimas, umha delas mortal, abandonavam o campo aos tombos, com a visom embaçada, às vezes a vomitar, enquanto a família Fauvau aplaudia com grande alvoroço o novo triunfo dos rebentos. Depois, Christophe levava mais um troféu para as suas vitrinas e convidava a ceiar os amigos, os vizinhos, e até os próprios pais dos vencidos para admirarem a sua impressionante coleção de vitórias. Há uns dias, este pai protector que nom podia suportar a ideia de ter criado dous perdedores foi condenado a oito anos de cárcere por “trapaceiro”, “manipulador” e “mentiroso”.

Recolhida de um jornal, só acrescentei à notícia a exibição das vitrinas, prolongaçom natural da manobra: um homem nom envenena um adolescente a fim de ganhar umha partida de ténis para depois se envergonhar do troféu;

será quase obrigado, polo contrário, a festejar publicamente o triunfo para regularizá-lo intimamente e devolver-lhe o valor: “se estou tam contente é que nom figem nada”. Mas umha alegria assim é quase mais monstruosa que o delito mesmo; desde o momento mesmo em que tem que medir-se com um menino envenenado, esta alegria purificadora do vencedor envenena, por assim dizer, todos os espectadores. A moral mais agreste escandaliza-se perante o júbilo de um vencedor injusto, perante a dita publicitária que chamamos assanhamento. O Triunfo romano, com o seu desfile de riquezas e prisioneiros, ofereceu-nos a imagem mais extrema, da qual a felicidade da militar estadounidense fotografada em Abu Gharaib, polegar em riste, inclinada sobre o cadáver torturado, nom é mais do que a continuidade histórica, em formato turístico e burguês. “Esmagamos-vos!”, “Que malheira vos demos!”, com umha emoçom explosiva que é a réplica e a inversom moral da correspondência amorosa.

Esta alegria da injustiça é a que recolhe a expressom castelhana

“pasar por las narices”, açom mediante a qual se afirma publicamente a superioridade do vencedor e a inferioridade do vencido, explosom animal –golpes contra o peito e uivos simiescos– sem os quais o prazer do triunfo fica incompleto. Estava a pensar na história de Christophe Fauvau e na necessidade primitiva de “pasar por las narices” o troféu arrebatado quando os meus olhos topárom no mesmo jornal e na mesma página com duas notícias, umha ao pé da outra, que de repente formárom perante os meus olhos outra história *exemplar*: “1.200 milhons de pessoas sem acesso a água potável” / “Forbes publica mais um ano a lista dos 793 homens mais ricos do mundo”. Os jornais estão pensados, já sabemos, para que podam estar juntas, sem se juntarem jamais, em diferentes estantes da montra, as notícias mais dispares. Com umha vista de olhos empurrámos essa bolinha dos 1.200 milhons, fundidos numha meada, fora do nosso campo visual e passámos a admirar os 793 mil-milionários, um por um, sem estabelecermos relação nenhuma entre essas duas enormidades. Umha pobreza tam



impessoal e facilmente registável é apenas umha incidência meteorológica. Umha riqueza tam clamorosa e arejada, tam satisfeita de si própria, só pode ser inocente e merecida.

Imagino os 793 homens mais ricos do mundo a dar saltos de alegria diante dos 1.200 milhons de sedentos enquanto os espectadores envenenados –uns quantos centos de milhons– aplaudimos os magnates e depreençamos evangelicamente os

que pedem água. A mera publicação da lista Forbes é um acto fantástico de ostentaçom bárbara, umha impugnaçom de qualquer pretensom civilizada, algo muito parecido a umha piada sobre judeus e câmaras de gás. Mas funciona. A lista Forbes converte, perante os nossos olhos, a feroz concorrência económica, com milhons de vítimas, numha competiçom desportiva e a luta social, que deixa regions inteiras do planeta destroçadas e

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejias transmitir-nos algunha inquietaçom ou mesmo algunha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderam exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçoms, como também de resumil-as ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderam ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.

Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

XAN TORRES GÓMEZ NA MEMÓRIA

Permitide-me que me dirija neste singelo texto ao meu camarada polo seu nome e apelido, ainda sendo umha deformaçom da minha pequena educaçom...

Xan Torres, o d'Ogrove, é e foi um inadaptado, mas se alguém considera que o meu qualificativo é inapropriado, é que nom nos entende, a nós, os inadaptados.

É e foi um inadaptado a este sistema deforme e opressor, órfao de igualdade para todos os homens e mulheres. Este sistema mercantilista do nacional-possibilismo incomoda-se com os inadaptados e para qualificar homens como o Xan inclusive pode chegar a tentar dissimular as suas crenças e a sua importância militante, definindo-os como uns românticos ou utópicos, idealistas. Eu nom sou ninguém para o definir,

mas sim podu atrever-me a dar a minha modesta opiniom: nom a mistificá-lo, mas sim a dar fé depois de tantos anos de camaradagem desde os anos setenta na AN-PG até hoje. De romântico ou utópico, nada de nada. Foi, porém, um soldado em luta por umha pátria melhor, entregue a umha causa justa e sem pedir nunca nada em troca: nunca se dobrou.

Nom vou descrever o percurso da sua entrega à causa galega, desde a AN-PG, a UPG e o BNG até a ING, Amigos da Cultura e organizaçoms independentistas, montes comunais, organizaçoms ecologistas, etc. Mas tampouco quero ficar com a vontade de dizer-vos que foi um comunista.

Convicto nacionalista, independentista galego, filho do povo galego e vizinho dos 'Groves', como ele chamava a Ogrove, orgulhoso de pertencer a este povo e fiel à causa galega até o final, atento sempre à realidade que o envolvia, preocupado pola evoluçom do projecto independentista,

ainda que às vezes magoado polo discurrer do nacionalismo desde os anos oitenta: fiel e sereno mas com dúvidas.

"Já nom é muito digno viver tudo isto que véu depois dos oitenta" dizia. Entregou-se totalmente à causa dos montes vicinais, com um deceptante final no caso de Ogrove-Noaia, mas ele sempre foi constante e positivo na luta vicinal reivindicativa contribuindo mesmo com o que nom podia.

A esta decepçom somárom-se as frustraçoms no ideário político em que foi confesso e a insatisfaçom com os resultados do trabalho de tantos anos, mas apesar de tudo mantinha umha ideia firme.

"Simplesmente mantendo a dignidade; isso já é suficiente à nossa idade..."

Xan Torres foi vítima de um exílio interior, em vao procurarám os jovens nacionalistas e independentistas de Ogrove, Ponte Vedra e do resto da

Galiza nos 'manuais' ou nos 'programas do coraçom' em que se converteram certos partidos nacionalistas galegos, a personalidade de Xan Torres. Nem tam sequer aparecerá nos currículos dos novos senhores, com cargos de 'responsabilidade financiada', na causa dos montes, da cultura, da política municipal, etc. Sabemos o que essa injustiça deve à rotina da profissionalizaçom do ideário nacional-possibilista. Os que conhecemos Xan Torres, somos cientes que se somou ao exílio interior em Ogrove, como muitos camaradas em toda a Galiza, filhos todos de umha ideologia independentista para a nossa terra, ideologia que nom está em venda nem morrerá.

Há muitos companheiros de viagem do Xan Torres que guardárom um atemorizado silêncio: que estejam tranquilos, o que os obriga é o pessebrismo e as favas, uns com dedicaçoms exclusivas e outros entretanto procurando subterfúgios de justificaçom, mas do que nom se dam conta

empobrecidas, numa superação atlética: “nesta ocasião”, di a notícia, “a lista é formada por **793 mil-milionários**, um número recorde. Entre todos eles acumulam fortunas de 2,6 bilions de dólares, 18% mais que no ano passado”. Por um lado, a lista estimula psicologicamente os vencedores, alimentando neles o afã de superação que guiava o papá Christophe: Berlusconi nom vai gostar de que Amancio Ortega (14.8000 milions de dólares) o tenha deslocado da vigésima terceira posição a nível mundial e da sétima a nível europeu e haverá de tomar medidas –despedimentos, subornos, malversações– para recuperar terreno; enquanto o próprio Amancio Ortega, ferido no seu orgulho, tentará avançar mais um posto e deslocará mais fábricas, baixará o salário dos marroquinos ou abrirá umha oficina de escravos no alto mar. A lista Forbes é o aguilhom desportivo da exploração, o motor épico da barbárie capitalista. Mas a lista Forbes estimula ainda a integração dos vencidos. Num mundo de tormentas estruturais em que o capital se organiza anónimo e transversal às culturas e às nações, a lista Forbes mantém a ilusom olímpica muito tranquilizadora de umha rivalidade nacional: Amancio Ortega representa os espanhóis no Patibulo Mundial como Fernando Alonso nos representa nos circuitos, e todos a empurrarmos, a animarmos, a

avançarmos com ele cada posto que ultrapassa nesta corrida. E inclusive é possível –como ironizava Ángel Casanova Grima numha estupenda ficção– que os trabalhadores das suas oficinas, ou os próprios desempregados, acabem a ceder umha parte das suas poupanças para evitar que Berlusconi, *stronzo* italiano, volte a superá-lo para o ano. Os pobres amam, admiram e ajudam os *seus* ricos.

O pior de Christophe Fauviu nom é o que ele fijo a esses adolescentes envenenados; é o que fijo aos seus próprios filhos. O mesmo pode dizer-se da lista Forbes: o pior é a sua dimensom *educativa*; quer dizer, o facto de que legitima e oferece como modelo a alegria ostentosa do vencedor e umha figa às vítimas da sua vitória. Muito mais educativa, e muito mais patriótica, parece-me a frase que escreveu Rafael Barrett em 1910 por ocasiom da morte de Rockefeller: “E por certo vos digo que se é grande o país em que um homem consegue, sem violar a lei, juntar cinco mil milions, ainda é maior o país em que nom lhe som perdoados e que, antecipando-se à morte, o obriga a devolvê-los”. Eu vou sentir-me muito orgulhoso da minha nação –qualquer umha que ela seja– o dia em que os jornais publiquem a breve lista dos mil-milionários expropriados e das crianças –tam dolorosamente longacurados e alimentados e vestidos e dignificados com o dinheiro devolvido.

estes profissionais da política é que jamais terã nome nem apelidos. Nós, a Xan Torres, sempre o chamaremos polo seu nome e apelidos. Porque o povo é quem mais ordena e Xan Torres, na sua humildade e honradez patriótica, soubo ser fiel até o final às suas convicções e ao seu ideário vital nom político, porque Xan Torres nom foi político, só um homem do povo singelo que honrou a sua terra.

Augusto Fontám

O SIGNIFICADO DO “LA, LA, LA”

Naquela noite de 1968 em que a Massiel cantou o “La, la, la” no festival de Eurovisom, o meu pai montava guarda em cumprimento do serviço militar. Desde que tenho uso de razom, é impossível que qualquer referência a essa música nom venha

acompanhada na minha casa do recorde angustiado do meu pai, que de maneira excepcional tivo que passar a noite com o capacete de aceiro, o fuzil regulamentário e em posição de firmes, devido à grande assistêcia de mandos à garita do quartel para ver a actuação da Massiel. Aqueles militares de Franco ferviam com o “La, la, la”, a canção composta por Serrat em catalã e que, convenientemente espanholizada e reinterpretada por umha artista “castiza”, nom só servia ao Regime para fazer-se um oco na Europa, senom que era apreçada como um verdadeiro hino contra o “separatismo” catalã. O “La, la, la” que tocou a Banda Municipal da Corunha nom só fai referência de forma hortera e infantil ao artigo do topónimo em espanhol, senom que também connota directamente a Espanha mais cavernícola e xenófoba. Será por isso que Paco Vázquez gosta dele.

Miguel Garcia

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

REDACTORA-CHEFA
Marta Salgueiro

CONSELHO DE REDAÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Ivám Garcia, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Natália Gonçalves, Gerardo Uz

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel Garcia, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal)
Jon Etxeandia (País Basco)
Juanjo Garcia (Países Catalãs)

COLABORAÇÕES
Maurício Castro, I. Gomes, D. Loimil, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodríguez, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germám Hermida, Celso Á. Cáccamo, João Avelado, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Alexandre F., Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha, Luís G. Blasco ‘Foz’, Alberce Pagán

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho, Aduaneiros sem fronteiras, Xosé Manuel

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇÃO: 15/03/06

D. LEGAL C-1250-02 / As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posição do periódico. Os artigos som de livre reprodução respeitando a ortografia e citando procedência. A informação continua periodicamente no sítio web www.novaszg.com e no portal www.galizalivre.org

OUTRA VOLTA DO PARAFUSO

As ameaças que pairam contra os direitos sociais cozinham-se nas traseiras da política e ficam relegadas polos media ao segundo plano da seccom de economia. Ainda que nom se faga esforço nenhum por fazer compreender as raízes deste processo de décadas que abala os fundamentos do dito Estado providência, salmodia-se alegremente sobre a necessidade inquestionável dos cortes. Os parlamentos encenam unanimidades solenes em relação às receitas exigidas nas altas esferas e, da mesma maneira que quando se acorda em bloco subir o salário dos políticos, só se erguem vozes dissonantes para pedir certo pudor e discrição na distribuição da generosa torta pública. Algumha culpa terá, nesta distensom maioritária perante as reformas laborais de Espanha e Europa, um trajecto de vinte e cinco anos atravessado por embates patronais harmoniosamente executados no quadro do diálogo social. Barateamento do despedimento, contratos de aprendizagem e ETT’s impugérom-se aos poucos em mesas negociadoras quase permanentes,

enquanto a população assalariada abandonava em massa qualquer entusiasmo sindical. Se há umha Europa que ainda conserva, zelosa, umhas poucas defesas estatais contra o neoliberalismo, bríngando na rua pola manutenção das mínimas barreiras, na Galiza continua o recorde estatístico da precariedade sem assomarem ainda mostradas de carragem colectiva. No cacarejado debate estatutário, os recursos de um hipotético poder galego perante as exigências da economia desbocada nom ocupam alusom de nenhum tipo. Apenas Fontenla, esse dirigente empresarial que se lamentara recentemente polo “excesso de direitos dos trabalhadores galegos”, manifestou o seu desejo pola boa marcha do processo de diálogo entre os três grandes partidos operantes no País. No entanto, com o termo ‘nação’ presente ou nom no futuro articulado, a Directiva Bolkestein, a nova reforma laboral do governo do PSOE e todas as grandes dentadas da deslocalização semelham desafios grandes em excesso para serem combatidos unicamente com a vocação autonomista.

HUMOR

Pepe Carreiro



NOTÍCIAS



A cabeça da estátua a Calvo Sotelo de Tui foi cortada por independentistas dentro da campanha contra a simbologia fascista

ALBERTE MOÇO QUINTELA, MEMBRO DA DIRECÇÃO NACIONAL DE NÓS-UP

"A retirada de símbolos fascistas pretende pôr cada pessoa no seu lugar e reabilitar a memória das vítimas"

Perante o desleixo das instituições, sentem-se "legitimados" para desenvolver umha política de factos

GERARDO UZ / O período 2005-2006 é significativo para as vítimas do franquismo, já que se cumprem 70 anos do levantamento militar e 30 da morte do ditador, como bem lembrou neste jornal o vice-presidente da Associação para a Recuperação da Memória Histórica, Santiago Macías, no passado mês de Agosto.

Com motivo destas efemérides, e da "oportunidade política" verificada após a mudança de governo na Junta, NÓS-UP decidiu dar um novo impulso à campanha nacional para a retirada de toda a simbologia fascista no País, tal e como explicou para NOVAS DA GALIZA Alberte Moço, membro da Direcção Nacional de NÓS-Unidade Popular.

Na opinião de Moço, esta campanha fai parte da agenda política deste partido, "mesmo antes da sua constituição", e esclarece que a retirada dos símbolos "pretende pôr cada pessoa no seu lugar e reabilitar a memória das vítimas da

repressão". Como exemplo das acções, Moço refere-se às empreendidas por NÓS-UP do Noroeste, que incluíram a decapitação de umha estátua franquista ou sabotagens na casa natal de Franco.

Apesar deste tipo de iniciativas, a primeira intenção deste partido era seguir a via político-administrativa para conseguir a retirada da simbologia, para o que se recorreu "à apresentação de moções nas câmaras municipais com base nos dados compilados polos militantes e vizinhos", que foram informando da existência de diferentes monumentos e placas franquistas.

"A nível institucional ninguém aderiu à nossa campanha, apesar de que também enviamos cartas a Touriño e Quintana solicitando o compromisso com esta iniciativa democrática, sem que até a data nos tivessem respondido", explica Moço. "Por esta razão", prossegue, "sentimos legitimados para agir pola

via dos factos e procedermos nós próprios à retirada de todos estes símbolos".

Entrega à Junta

Do mesmo modo que já se fíjo após a decapitação de umha estátua franquista na comarca de Ferrol, está prevista a entrega à Junta de várias placas de ruas com nomes fascistas, se bem que até hoje "nom esteja totalmente determinado quando e como serán entregues". A decisão de dá-las à Junta responde, segundo Alberte Moço, a umha vontade de "permitir que decida sobre o destino destes símbolos o seu proprietário, que é o Governo galego", e acrescenta que "se de nós dependesse, seriam destruídos".

Segundo Moço, em NÓS-UP "somos conscientes de que pode haver represálias", tal e como já aconteceu no caso da estátua decapitada, "mas acreditamos que estamos agindo com total legitimidade, e por essa razão pensamos que devemos continuar."

CIG denuncia continuidade de cargos do PP na Junta

Redacção / A sete meses da chegada do governo bipartido à Junta da Galiza, a CIG considera negativo o balanço do executivo quanto ao sistema administrativo. Segundo Xan Carlos Ánsia, membro desta organização sindical no complexo de Sam Caetano, "nestes momentos há mais de mil pessoas em cargos da Junta nomeados por livre designação durante o governo Fraga".

Até o momento existe constância da permanência de umha série de pessoas em postos que afectam de maneira directa conselharías como Pesca, Vice-Presidência para o Bem-Estar ou Meio Ambiente. Os casos mais salientáveis som os de Manuel Arroyo, gerente do CGAC em Compostela e Miguel Ángel Sieiro González, secretário geral de Pesca. Estes dous homens fôrom colocados polo anterior governo de Fraga e ainda conti-

nuam a ocupar os mesmos postos de responsabilidade.

Entre os motivos que terán ajudado a que esta situação se prolongue, a CIG menciona o desleixo nas acções de governo do novo executivo. Esta situação fai com que os membros desta e de outras organizações sindicais se vejam obrigados a negociar com cargos que já ocupavam os mesmos postos administrativos. As chamadas de atenção da CIG sobre este assunto afectam inclusive conselharías do BNG, onde a situação parece ser a mesma, talvez com a excepção de Meio Rural.

No total, o numero de altos cargos no actual governo da Junta de Galiza soma 140, sendo que no último governo de Fraga chegavam a 144. Umha redução que se considera escassa e em que apenas fôrom demitidos alguns cargos.

Fiscalia nom actuará contra os autarcas do PP

Redacção / A Fiscalia do Tribunal Superior de Justiça da Galiza respondeu ao Movimento polos Direitos Civís (MpDC) que nom actuará contra os presidentes autárquicos que se manifestárom diante do Parlamento galego no passado dia 23 de Novembro, tentando interromper umha sessão plenária como protesto pola suspensom de obras rurais.

O MpDC lembra que numha situação similar, quando CCOO tentara sabotar um pleno da Cámara Municipal de Ponte Vedra em 2004, a Fiscalia "pretendia utilizar umha normativa

anti-terrorista". Por isso, para esta organização é "vergonhoso" que se aja de maneira tam "discriminatória", e lembram que a missão da Fiscalia é a de "promover a acção da justiça em defesa da legalidade, dos direitos dos cidadãos e do interesse público".

Por último, o MpDC também esclarece que nom pretende a perseguição de nenhum colectivo "por exercer o direito à manifestação", mas demonstrar que em muitas ocasiões os poderes públicos "agem de forma discriminatória, obviando a igualdade perante a lei, dependendo de quem exerce esse e outros direitos".

Lei da Polícia Autónoma será aprovada este ano

Redacção / A Lei para a criação da Polícia Autónoma galega entrará no Parlamento da Galiza na Primavera e prevê-se que seja aprovada antes de finalizar o ano, segundo assegurou a Junta. Para o conselheiro da Presidência, o vasquista Méndez Romeu, a criação deste novo corpo policial significará "um modelo diferente", comparável ao catalán e ao basco, mas "de colaboração plena com as Forças e Corpos de

Segurança do Estado", apontou. Para a criação desta polícia galega, Méndez Romeu assegurou que serán precisos entre 2.000 e 2.500 novos agentes, e manifestou que um amplo número de postos poda ser coberto com "guardas civís e policías nacionais". Entre as funções deste corpo estarían "serviços especializados" como a sinistralidade vial ou a vigilância das costas e do meio natural, salientou Romeu.



Sindicato Labrego Galego denuncia que o alarmismo meiótico beneficia a multinacional Roche, que tem a patente do antiviral Tamiflu

Sindicato Labrego Galego quer que Meio Rural compense os sectores afectados polas perdas

Denunciam alarmismo injustificado perante a gripe das aves

Redacção / A organização labrega nacionalista adverte que a "histeria desencadeada pola gripe das aves" está a afectar as explorações dos grupos industriais de criação de aves. A cinco meses do anúncio da aparição de umha nova variante desta doença animal, as medidas de prevençom estam a incrementar-se na Galiza. A Administração intensificou os controlos sobre as zonas húmidas e adoptou medidas de restriçom para a criaçom de aves que, na opiniom do SLG, som desmesuradas e estam "mais em consonancia com o boom mediático do que com critérios estritamente científicos". Solicitam da Conselharía de Meio Rural que adopte as "medidas oportunas para reverter a situaçom de alarmismo" e disponha partidas orçamentárias para enfrentar as perdas previstas polas limitaçoms na criaçom de aves.

O Sindicato Labrego incide em que nom se pode dar à doença o tratamento de pandemia, "termo reservado para as gran-

des epidemias na saúde humana", dado que o número de mortes a nível mundial (setenta vítimas em três anos) nom o justifica e porque as pessoas que falecerom polo contágio desta gripe das aves conviviam com elas em situaçoms de insuficiencia higiénica e alimentar. No

último número da publicaçom Fouce citam como exemplo, a modo de contraste, que na Galiza morrerom 29 pessoas em 2003 por gripe humana, número que costuma ser semelhante cada ano. A respeito dos beneficiários do alarme, assinalam que a principal interessada é a mul-

tinacional Roche, que está a vender à maior parte dos governos o antiviral Tamiflu, um medicamento cuja eficácia "está a ser muito questionada" e que "parece mais perigoso do que poda ser um hipotético 'salto' da enfermidade animal para espécie humana".

Sindicatos querem revisar medidas restritivas

♦ O Sindicato Labrego Galego, Unions Agrárias e Jovens Agricultores pedem que sejam revisadas as medidas restritivas que se estam a aplicar para prevenir o espalhamento da gripe das aves, como por exemplo a proibição de vender aves nas feiras ou o veto à cria ao ar livre nas proximidades de zonas húmidas. No SLG afirmam que estas medidas "ponhem em grave perigo a sobrevivência do modelo tradicional de cria de aves de capoeira na Galiza", e acrescentam que na actualidade estas proteçoms "apenas se

estam a aplicar em países ou zonas com presença confirmada da doença". As três formaçoms manifestam que apesar de o consumo nom ter decaído notavelmente por causa da doença, "a histeria desencadeada está a provocar grandes perdas aos criadores", a quem a indústria "leva já algum tempo baixando os preços", asseguram. Neste sentido, em Jovens Agricultores acham que em lugar de solicitar ajudas para os criadores, deveriam ser "vigilados alguns industriais que querem lucrar com a histeria por-

vocada". Por sua vez, Unions Agrárias sustém que cada exploraçom leva perdidom mais de 3.000 euros por esta razom. Por estes motivos, as três organizaçoms sindicais também coincidem a salientar que ao redor deste tema existe um "alarmismo exagerado" e que as Administraçoms devem agir com "firmeza" para defender os produtores. Para isso propoñem, entre outras medidas, o controlo dos preços que paga a indústria, evitar "restriçoms injustificadas" e compoñer os avicultores polas perdas sofridas.

CRONOLOGIA

♦ 10 de Fevereiro

Indústria inicia os trámites para a instalaçom de um parque eólico no SIC Costa da Morte, incluído na Rede Natura 2000.

♦ 11 de Fevereiro

Aparecem três lobos decapitados em Rodeiro. A Federaçom Ecologista Galega exige à Junta actuaçoms imediatas para enfrentar a problemática da gestom destes mamíferos.

♦ 12 de Fevereiro

Grande sucesso do II Campeonato de Kayak Extremo nas Torrentes de Mácara-Ramil em apoio à ILP em defesa dos rios galegos.

♦ 13 de Fevereiro

Absolvido militante da AMI condenado em 2002 por danos e desordens públicas.

♦ 14 de Fevereiro

Organizaçoms nacionalistas manifestam-se em Compostela por umha Europa social, solidária e dos povos.

♦ 15 de Fevereiro

Detenhem quatro membros de NÓS-Unidade Popular pola eliminaçom de simbologia fascista nas ruas.

♦ 16 de Fevereiro

Conferência de imprensa da AMI sobre a operaçom repressiva contra o independentismo galego.

♦ 17 de Fevereiro

Criam em Lisboa a Associaçom de Solidariedade com a Galiza para dar a conhecer a realidade galega como naçom lusófona e apoiar a autodeterminaçom.

♦ 18 de Fevereiro

Barómetro urbano. Francisco Vázquez e Francisco Orozco som os presidentes autárquicos melhor valorizados, segundo Sondaxe.



◆ 19 de Fevereiro

Suárez Canal anuncia que incentivarão plantação de árvores caducifólias como medida preventiva contra os incêndios.

◆ 20 de Fevereiro

Sérvios e albaneses reúnem-se pela primeira vez para falar do estatuto do Cosovo. 90% da população reclama a independência.

◆ 21 de Fevereiro

O Parlamento galego aprova a ILP para a defesa dos rios.

◆ 22 de Fevereiro

Junta propom zona húmida Úmia-Ogrove como zona de alto risco de gripe das aves.

◆ 23 de Fevereiro

Morre em acidente laboral um operário de 21 anos do estaleiro Nodosa de Marim.

◆ 24 de Fevereiro

Inauguram centro social no Ribeiro, gerido pola asociación cultural *Arrincadeira*.

◆ 25 de Fevereiro

PP organiza em Silheda acto de homenagem e despedida a Fraga.

◆ 26 de Fevereiro

A Revolta recupera o Merdeiro para o entruido viguês.

◆ 27 de Fevereiro

30 aniversário da proclamação da República Árabe Democrática do Sara. A Junta da Galiza anuncia envio de 40.000 euros em ajudas aos danificados polas inundações na Argélia.

◆ 28 de Fevereiro

Apresentam tradução para o árabe de *Se o velho Simbad voltasse às ilhas* no 25 aniversário de Cunqueiro.

◆ 1 de Março

3º Aniversário do Centro Social A

Preparam iniciativas de denúncia contra a reincorporação dos polícias que torturaram Mamadou Kane

REDACÇOM / A Iniciativa Cidadá contra a Impunidade era dada a conhecer no passado dia 14 de Fevereiro em Vigo, como plataforma que pretende evitar a volta às funções policiais dos quatro agentes locais que agrediram e vexaram o senegalês Mamadou Kane em 1997, indultados polo governo estatal do PSOE. Juan Manuel Pérez Rodríguez, Elena Fernández Bouzas, Sebastián Fernández Estévez e Celso Alonso Blanco foram condenados a penas de entre 2 e 3 anos de prisão e inabilitação para a função pública por dez anos. Após o indulto, a Câmara municipal viguesa decidiu reincorporar os agentes para funções administrativas do corpo, medida contestada polos mais de quinze colectivos sindicais, associações de emigrantes, organismos anti-repressivos e organi-

zações políticas que constituíram a Iniciativa Cidadá contra a Impunidade, impulsionada por Ceivar, Esculca e a CIG-Migraçom. A nova entidade tem como objectivo derrogar o indulto, entendendo que contribuir para a impunidade dos agentes converte "os discursos pró direitos humanos e contra o racismo e a ética em geral do PSOE e do PP" em "retórica e hipocrisia corporativista". Destacam que os polícias condenados nom pedírom desculpa pública nem privada a Mamadou Kane, facto que justificaria a revisom da medida de graça governamental. Com este objectivo preparam novas iniciativas que vam da mobilização social à intervenção jurídica através de recursos e promoção de iniciativas parlamen-



tares. No passado dia 24 a plataforma realizou a primeira concentração no bairro do Calvário à qual acudírom mais de cinquenta pessoas apesar da intensa chuva.

Tribunal Superior de Justiça equipara Enfermagem à função pública

REDACÇOM / Umha sentença do Tribunal Superior de Justiça da Galiza (TSJG) afirma que os conflitos laborais na Enfermagem se devem resolver pola via contencioso-administrativa e que nom pertencem à jurisdição social, da mesma maneira que se fai, por exemplo, no caso do pessoal da Administração.

O Colégio Oficial da Enfermagem de Ponte Vedra assegurou que se confirmárom "os piores temores" destes profissionais sanitários, já que a sentença os equipara com os funcionários, o qual vai supor para este colectivo grandes prejuízos. Por exemplo, segundo confirma este órgão, com a resolução do TSJG será preciso "voltar a formular desde o começo mais de 500 demandas", muitas das quais "levavam já mais de dous anos de tramitação

nos tribunais", asseveram desde o Colégio.

Os serviços jurídicos desta instituição também expressárom o seu mal-estar por esta decisom e anunciárom a sua pretensom de recorrerem da sentença, já que percebem que "prejudica de forma muito grave" os interesses de numerosos profissionais que iniciárom os litígios para reclamar os seus direitos laborais, ao mesmo tempo que criticam que a resolução do TSJG "entorpece o direito dos agremiados a receberem umha tutela judicial efectiva".

Colégio Oficial dos Médicos

Por outra parte, a Junta Directiva do Colégio Oficial dos Médicos de Ponte Vedra constituiu recentemente umha comissão para renovar os estatutos. Esta mudança constitui umha das promessas eleitorais

do actual presidente deste órgão, Luís Campos. Entre as principais novidades que se contemplam estaria a reduçom no número de vogalias, assim como a denominação das mesmas para "adaptá-las às necessidades actuais", afirma Campos.

A principal razão que expom para a mudança o presidente deste Colégio é o facto de que estes estatutos estão baseados nos da Organização Médica Colegial, que datam de 1984, quando "a realidade dos profissionais e dos colégios de hoje nom tem nada a ver com a de há 22 anos". Na elaboração dos novos estatutos, além da comissão designada polo Colégio, também participárom através das correspondentes alegações os mais de 3.600 profissionais que estão agremiados nesta instituição.

Primeira Linha organiza as X Jornadas Independentistas

REDACÇOM / As Jornadas Independentistas que organizou Primeira Linha a 18 de Março coincidírom com o décimo aniversário deste partido, fundado por um grupo de jovens em Santiago em 1996. Nos encontros celebrados no Hotel Compostela, vários pensadores e activistas sociais reflectírom sobre os reptos da esquerda no presente século. Carlos Taibo -colaborador habitual do independentismo galego- partilhou palestra com o basco Joseba Álvarez, o português Francisco Martins e o galego Xosé Manuel Beiras. Representárom os movimentos sociais e políticos do País a militante feminista Luísa Ocampo e os membros de NÓS-UP Igor Lúgris e Carlos Morais.

Silvicultores rejeitam multas por nom terem limpo o monte

REDACÇOM / A Associação Profissional de Silvicultores da Galiza (Silvanus), manifestou a sua rejeição à imposição de multas aos proprietários de superfícies florestais que nom as mantenham convenientemente limpas. Neste sentido, esta organização assegura que "nom parece justo que os proprietários devam assumir todos os custos de limpeza e prevenção" sem receber, em troca, "compensação polos serviços ecológicos, ambientais e paisagísticos que o monte oferece à sociedade".

Ainda, em Silvanus afirmam que o actual dispositivo desenhado pola Conselheria do Meio Rural para a prevenção de incêndios apenas abrangerá os montes vicinais consorciados pola Junta, "apenas 15 por cento da superfície florestal galega", razão pola qual acreditam que também se deveria estender esta protecção aos montes privados.

CENTRO SOCIAL
A tren!
Preveniamos de tan ajuat: colaborat!
centrosocial@hotmail.com
Travesa San José, 2 (915-40-040)
15.002 COMIÑA
Colaboracion: 2091-0012-18-3040031205

ARTABRIA
Travesa de Batalhons, 7
981369099 - 981369921
15403 FERROL
www.artabria.net

local social
baixavermelha
Ponte Areas - Galiza
Rua Redondela nº 11 rés-do-chao

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

revira
local social
Arcebispo Malvar 33 Ponte Vedra

Celebram-se jornadas sobre mulher e política na Universidade de Compostela, coincidindo com o 8 de Março

REDACÇOM / A faculdade de Ciências Políticas organizou, durante os dias 8, 9 e 10 de Março, as II Jornadas sobre Mulher, Instituições e Política, coincidindo com o Dia Internacional da Mulher Trabalhadora. As jornadas estiveram coordenadas pelas professoras de Ciências Políticas, Isabel Diz e Marta Lois. Nos três dias que duraram as jornadas, pretendeu-se dar a conhecer qual é nestes momentos a situação da mulher dentro do âmbito político a partir da Universidade. Em concreto, nas políticas de igualdade de oportunidades no mundo laboral. Estas Jornadas contaram com o apoio do Serviço Galego de

Igualdade e as pessoas convidadas centraram as suas intervenções no desenvolvimento de políticas de igualdade. Como apontou Marta Lois: "Todas as pessoas contribuíram imenso. Mas eu destacaria as intervenções de Arantxa Elizondo e Eva Martínez, da UVP, que analisaram a lei basca da igualdade, talvez a mais progressista e avançada até o momento". Sobre este particular na Galiza, Isabel Diz apontou: "No nível dos concelhos e no nível autonómico, está-se a avançar com políticas deste género em diferentes âmbitos, incluído o estritamente político dos últimos cinco anos". Assim, ambas as professoras

veem umha mudança com a chegada do bipartido à Junta da Galiza, com o governo paritário e as novas legislações. Perante o temor de produzir-se um retrocesso nesta matéria, as duas professoras asseguraram que nenhum partido retrocederia nos avanços: "todas as forças políticas fazem cálculos sobre o que lhes custaria ir para trás". Quanto à situação da mulher em geral na Galiza, Marta Lois assinalou que: "Fica ainda umha revolução por fazer. A mulher está incorporada ao mercado laboral, mas a equiparação de salários nom se conseguiu polo momento: só em postos públicos, mas nom no mercado privado". Mas tam-

bém as questões de classe som importantes quanto à avaliação da mulher na sociedade galega. Segundo a professora Diz: "Ao termos um Estado de bem-estar pouco desenvolvido, muitas tarefas que deveria desenvolver o Estado desenvolvem-nas as mulheres, como é o cuidado de pessoas idosas. Noutros lugares som imigrantes, mulheres imigrantes. Enquanto nom se desenvolver o Estado de bem-estar o peso cairá sobre as mulheres, no caso galego". Para o ano as perspectivas som a abertura das redes de contactos para estas Jornadas, sobretudo em relação à presença da mulher noutros países.

Comuneiros querem que o Estatuto reconheça a propriedade comunal

REDACÇOM / O presidente da Organização Galega de Comunidades de Montes Vicinais em Mao Comum, José Alfredo Pereira, reclama que o novo Estatuto de Autonomia para a Galiza reconheça a propriedade comunal "nas mesmas condições" que a pública e a privada. Na opinião de Pereira, esta medida significaria umha nova consideração dos montes vicinais e evitaria "possíveis casos de venda de terreno comunal como se fosse terreno municipal". Como exemplo para tomar esta determina-

ção, Pereira citou o caso português, cuja Constituição reconhece a existência destes três tipos de propriedade. Por outra parte, o presidente dos comuneiros galegos afirmou sentir-se "enganado" pelo Ministério da Fazenda, já que "incumpriu a promessa de contar com os comuneiros na reforma da lei sobre o imposto de sociedades e o IRPF, para acabar tramitando-o sem ter falado antes connosco". Segundo ele, este imposto "está roubando aos comuneiros até 25 por cento dos seus rendimentos". No

entanto, Pereira acha que é mais grave ainda o facto de que o Governo espanhol "nom fizesse caso de um acordo unânime do Parlamento da Galiza solicitando que os montes vicinais nom computassem neste imposto". Por último, dirigindo-se à Administração, Pereira apostou na tomada de medidas "que revalorizem o monte" nas dimensões económica, social e de lazer, além de contribuir para que seja "umha actividade sustentável" e "umha forma de vida que ajude a fixar população no meio rural".

Bautista Álvarez ganha I Prémio Manuel Maria à Dignidade Nacional

REDACÇOM / Bautista Álvarez foi o ganhador do I Prémio Manuel Maria à Dignidade Nacional, que consistiu numha peça desenhada por Francisco José Pérez Porto e num galardão que acredita esta condição. Para os organizadores do prémio (CIG-Ensino, Associação de Escritores em Língua Galega, Associação Sócio-Pedagógica Galega e Mesa pola Normalização Lingüística), a figura de Manuel Maria "nom apenas entesoura um valor literário primordial, mas constitui

um valor social que deve ser assumido e reconhecido por toda a população galega como um exemplo a seguir". Por essa razão, estas organizações estimaram conveniente "reconhecer quem trabalha polos ideais que ele defendeu e praticou", premiando o contributo de pessoas ou instituições públicas ou privadas que tivessem desenvolvido durante 2005 actividades ou iniciativas "com destacadas consequências na melhoria da nossa dignidade nacional" nos âmbitos da defesa da identidade cultural

ou da responsabilidade social. Bautista Álvarez foi um dos parlamentares do BNG expulsos do Parlamento da Galiza em 1983, junto com Lois Diéguez e Cláudio Lopes Garrido, por nom terem juramentado a Constituição, ao se lhes impor com carácter retroactivo umha disposição aprovada após o golpe de 23-F. Álvarez sempre se declarou partidário da autodeterminação da Galiza -se bem que nom a ligasse exclusivamente à independência- e rejeitou a estratégia de moderação do BNG.



Revolta de Vigo, sob a legenda '3 anos golpe a golpe. Somos e seremos'.

A conselheira da Cultura apresenta o primeiro bosquejo do plano de redefinição dos conteúdos dos edifícios da Cidade do Monte Gaiás.

◆ 2 de Março

Começa em Fene o ciclo para a recuperação da memória histórica *Nom des a esquecemento. A nossa memória (1936-1978)*.

◆ 3 de Março

Começa em Vila Garcia o percurso do 'Bus Violeta' (ônibus lilás), iniciativa informativo-formativa para mulheres.

◆ 4 de Março

Detido um militante anarquista numha acção de sabotagem num escritório do BBVA em Compostela.

◆ 5 de Março

Segundo aniversário de Aduaneiros Sem Fronteiras.

◆ 6 de Março

Sindicatos, empresários e Junta constituem a Mesa para a Coordenação do Diálogo Social da Galiza.

◆ 7 de Março

Assinam acordo que obriga os fiscais do TSJG a conhecerem e empregarem o galego.

◆ 8 de Março

Dia da Mulher Trabalhadora. A Marcha Mundial das Mulheres convoca concentrações nas principais cidades da Galiza.

◆ 9 de Março

Polícia frustra 'macrobotellom' convocado na praça compostelana do Obradoiro.

◆ 10 de Março

Várias ETT e oficinas do INEM aparecem com as fechaduras sabotadas coincidindo com o Dia da Classe Obreira Galega.

Interacção entre História e Genética contra o cancro

REDACÇOM / A interacção entre a História e a Genética pode ajudar a identificar tipos de cancro de origem genética que som característicos de determinadas populações. Por exemplo, câncros de mama próprios de mulheres da Galiza e que se detectam em lugares como a Alemanha ou a Argentina, destinos da emigração galega durante décadas. Esta foi umha das conclusões a que chegou a equipa de investigação do catedrático de Genética Anxo Carracedo na apresentação do livro *Xenética e Historia no Noroeste Peninsular*, fruto das jornadas do mesmo nome que organizara o Conselho da Cultura Galega em 2002. O geneticista também explicou que a sua disciplina pode colaborar com a História para ajudar a datar melhor as migrações que se dérom no passado, graças a que no presente se podem detectar o polimorfismo do cromossoma Y, masculino, e as variações no ADN mitocondrial, que se transmite por via materna.





INTERNACIONAL



EUA, Inglaterra e Israel querem provocar guerra civil no Iraque

A CIA, os serviços secretos britânicos e o Mossad israelita estão a infiltrar e armar tanto os 'esquadrões da morte' que actuam contra os sunitas como os grupos operativos que realizam os atentados bombistas contra civis, instituições e centros religiosos xiitas que entom som atribuídos à resistência sunita para preparar o clima de guerra civil.

DUARTE FERRIN / Com umha guerra civil no Iraque os EUA conseguiriam concretizar no Conselho de Segurança da ONU a intervenção de umha "força multinacional de paz" que tenha a NATO como sustento militar, e deste modo retirar as tropas do primeiro plano mediático e fundi-las num 'exercício de paz' aparentemente conduzido pola ONU e a NATO. Assim, os EUA continuarão a controlar a Administração, o petróleo, e os negócios do Iraque mediante um governo fantoche e a supremacia da sua força militar sobre a NATO e as potências "aliadas". Além disso um conflito armado generalizado entre sunitas e xiitas reduziria ao mínimo a efectividade e o número dos ataques diários da resistência contra as tropas invasoras, que andam entre os 50 e 60 diários.

Se bem que a mesquita atacada recentemente tenha um valor simbólico para os xiitas, no passado imediato contabilizáram-se dúzias de atentados contra mesquitas xiitas, com milhares de mortos e feridos, e nom se produziu nenhuma reacção ou represália em massa contra sunitas.

A reacção e as manifestações fôrom induzidas polas diferentes facções e religiosos xiitas que respondem à liderança do grande aiatolá Sistani, aliado de Washington que colaborou com a invasão norte-americana e tivo um papel decisivo para conter a revolta xiita contra a ocupação estado-unidense.

Enquanto a imprensa internacional se concentrava na destruição de mesquitas por parte dos xiitas furiosos, numha operação de extermínio mais de umha centena de sunitas, vinculados ou suspeitos de ajudar a resistência iraquiana, fôrom caíndo com as balas dos esquadrões da morte xiitas treinados por Israel e os EUA. Estes 'esquadrões da morte' estão infiltrados dentro dos corpos de segurança manejados polo Ministério do Interior iraquiano do governo colaboracionista e a sua missão é a caça e extermínio de combatentes sunitas.

ALÉM MINHO



FOTOGRAFIA RUI SOUSA

◆ EM FEVEREIRO VOU ÀS CORRENTES

NUNO GOMES / Não queria escrever este texto. Continuo a não querer. Duvido que venha a ter vontade de o escrever. Mas imagino que, começando, ele vai acontecendo.

Em conversas entre amigos fala-se recorrentemente do facto de eu ser da Póvoa de Varzim. Muitos invejam-me pela vida nocturna que tenho à disposição. Não faço muito usufruto disso. Outros referem-me o mar, e eu concordando, relembro a sua importância recém-descoberta. De quando em vez vem à tona o casino, mas como não jogo não comento. Muitas das vezes referem-me o caos urbanístico que moldou parte substancial da sua marginal. Eu rebato as acusações, reitero a confiança no actual presidente da Câmara, que conseguiu amenizar parte da fúria construtiva dos anos 80. Às vezes falam-me do Varzim, que está na segunda divisão. Aí eu admito, cabisbaixo, que devia ser o meu clube. Para lhes mostrar o quanto gosto da Póvoa, apesar de tudo, não toco em nenhum destes temas. Falo das Correntes. E ninguém imagina o que é.

As Correntes d'Escritas são um encontro de escritores. Apesar de ter como subtítulo "encontros de escritores de expressão ibérica", não há escritores de língua cuskera ou catalã, apenas castelhana e portuguesa. A maior parte dos escritores que

participam são portugueses. Há também bastantes brasileiros, do PALOPs (países africanos de língua oficial portuguesa), latino-americanos em geral e espanhóis. Existem sempre escritores galegos a participar, e a sua origem é referenciada no guia das conferências como sendo da Galiza. Qualquer autor castelhano-falante proveniente da Península Ibérica tem como origem Espanha, mas os galegos têm honras especiais.

Tinha para este ano objectivos específicos, que não passavam apenas por escrever no meu diário o dia-a-dia das conferências. Queria conhecer todos os escritores que pudesse, e imaginei a desculpa do pedido de autógrafa como o melhor expediente para tal. Enganei-me. O autógrafa serviu-me para falar com o Manuel Jorge Marmelo e o grande Onésimo Teotónio de Almeida. Mas, para entrar em contacto com toda a gente, o melhor é conhecermos a pessoa mais popular. Neste caso era o Quico Cadaval. Quico não estava lá como convidado, mas a sua presença representava um pouco da mística do encontro. Muitos dos presentes não-convidados, tendo estado ou não em edições anteriores, foram à Póvoa para reencontrar amigos, fazer contactos, etc. Tanto a Inês Pedrosa (escritora) como Michael Keglér (editor alemão) estavam nessa situação.

Depois de conhecer o Quico, seguiu-se uma catadupa de novas pessoas. Antes da sessão de poesia no hotel, à noite, enquanto esperava o meu fino, meti conversa com o Quico. A sessão acabou, bebi o resto do fino e ia despedir-me do Quico quando conheci todos os outros. Carlos Quiroga, Guita Jr. (escritor moçambicano), Ondjaki (angolano, outro que não tinha sido convidado). No dia seguinte conheci também Pedro Sena-Lino, um dos meus poetas preferidos.

Tirando as conferências, às quais fui com todo o interesse, o que mais me marcou foram as amizades que fiz. O escritor é, em essência, um ser com vontade de conhecer o mundo, de falar, comunicar. São invariavelmente sensíveis e acessíveis. Até o Mário de Carvalho, um dos maiores escritores portugueses vivos. Quando estava sozinho, aproveitei para lhe pedir para autografar os livros. Enquanto ele procurava um sítio para se sentar e autografar com calma, reparei que tinha deixado os livros em casa. Envergonhadíssimo, desculpei-me e pedi-lhe para adiar o autógrafa. Ele, de uma simpatia que já não se usa, respondeu que sim.

Continua a ser estranho ter escrito este texto contrariado. Afinal, a ideia de o escrever foi minha.

O futuro é nosso

BEGOÑA MARTÍNEZ

É INEGÁVEL QUE, COMO JOVENS, NOS ENCONTRAMOS NUMHA SITUAÇOM DE ABSOLUTA DESVANTAGEM NO MERCADO DE TRABALHO. SE A TAXA DE DESEMPREGO NA GALIZA É JÁ UMHA DAS MAIS ALTAS NO ESTADO (10%), ESTA AFECTA ESPECIALMENTE A POPULAÇOM DE ENTRE 19 E 25 ANOS, SITUANDO-SE NESTAS IDADES EM PERTO DE 20%. ADEMAIS, ESTA PERCENTAGEM ASCENDE A 24,3% NO CASO DE SERMOS MULHERES.

Es is o que somos. A força, a esperança, o lume, a luita, a oposiçom, o combate... o futuro. A mocidade. Como muitos dim, alguns acreditam e outros duvidam, somos as moças e os moços a chave do que está por vir. Mas, em que situaçom nos encontramos? Qual é o panorama que nos legam em que teremos que trabalhar, organizar-nos e actuar?

O estudantado dos cursos universitários, FP's, ciclos... vivem dia-a-dia a reduçom do ensino a umha única finalidade: formar mao-de-obra, reprodutores do sistema de controlo da sociedade. Nada de conhecimento, de debate desintoxicado; simplesmente criaçom de futuras e futuros trabalhadores que sejam úteis ao sistema: às empresas, às máfias, às instituições... ao capital.

E a realidade laboral da mocidade trabalhadora nom escapa a esta concepçom de *criar mao de obra barata-reproduzila-perpetuar a engrenagem capitalista*, vendo-se ainda mais agravada no caso de umha naçom periférica colonizada como é a Galiza, onde a situaçom de dependência e a aniquilaçom da mocidade som brutais.



É inegável que, como jovens, nos encontramos numha situaçom de absoluta desvantagem no mercado de trabalho. Se a taxa de desemprego na Galiza é já umha das mais altas no Estado (10%), esta afecta especialmente a populaçom de entre 19 e 25 anos, situando-se nestas idades em perto de 20%. Ademais, esta percentagem ascende a 24,3% no caso de sermos mulheres. Portanto,

encontrar um trabalho e inserir-se na vida laboral nom é nada singelo. E, que acontece quando já se está a trabalhar? O patronato e o regime aproveitam-se cada vez mais da mocidade operária, levando-nos a umha situaçom de sobre-exploraçom, insegurança laboral, endurecimento das condiçom de trabalho, flexibilidade dos despedimentos, temporalidade, competitividade doentia...

A maior parte de nós acabamos a trabalhar através de ETT's, na hotelaria, e a fazer jornadas intermináveis com uns salários de miséria. A taxa de precariedade no emprego, quer dizer, a quantidade de contratos a prazo em relaçom ao número de assalariados situou-se em 2004 em 31,4%, e bem sabemos que a juventude trabalha com contratos temporários. E assim, fruto da deturpaçom a que é

submetida a nossa naçom, a que somos submetidos todos e todas nós, criamos umha emigraçom de novo cunho, que se dirige principalmente a outras zonas do Estado. E continuamos com o círculo vicioso que nos escraviza...

Perante esta realidade a que somos submetidas e submetidos, nom podemos deixar-nos cair no individualismo destrutivo, na frustraçom, na desilusom. Só se nós quigermos conseguirmos acabar com o panorama actual. Como? A resposta é clara: organizando-se, unindo-se e lutando. Lutando dia-a-dia, nos nossos trabalhos, organizando-nos nos comités de empresa, unindo a força da classe trabalhadora para reivindicar a aboliçom dos contratos a prazo e de fim de obra, para lutar e acabar com o pacto social, por umha jornada laboral digna e nom interminável, pola equiparaçom de salários, contra as ETT's e em prol de um Quadro Galego de Relaçom Laborais.

Está nas nossas maos. Somos a força, o lume, o combate... o futuro.

Begoña Martínez

Membro da Direcçom de Adiante (Mocidade Revolucionária Galega)

FOI DITO

"QUE TE CRITIQUEM [AZNAR] POR DIZER QUE SÓ HÁ UMHA POTÊNCIA MUNDIAL, É QUE NOM SABEM O QUE DIM. OUTRA COUSA É QUE TENHA HAVIDO MAIS OU MENOS SORTE NO IRAQUE"

Fraga Iribarne

Na Convençom do PP
03.03.2006

"CATALUNHA TORNOU-SE INÓSPITA PARA QUEM NOM É NACIONALISTA"

Ciutadans de Catalunya

Manifesto da apresentaçom do partido antinacionalista. 01.03.06.

"COM UM GOVERNO DEMITIDO, UMHAS PESSOAS, SEM DÚVIDA CHEIAS DE BOA VONTADE, TENTÁROM DAR UM GOLPE DE ESTADO"

Fraga Iribarne

Na Convençom do PP
03.03.2006

"A ÚNICA 'BANDA ARMADA' COM QUE COLABOREI É A GUARDA CIVIL"

Rafa Zouhier

Cabeçalho de El Mundo sobre as declaraçom do acusado de participar nos atentados do 11-M
01.03.06

"ALGUM DIA OS LIVROS DE HISTÓRIA FALARÁM DO RENASCIMENTO ESPANHOL PARA REFERIR O PERÍODO DE AZNAR"

Nicolas Sarkozy

Ministro francês do Interior e 'orgulhoso amigo' de Aznar
05.03.2006

"CUSTA-ME MUITO IR-ME, MAS SEMPRE ENTENDIM A POLÍTICA COMO UM SERVIÇO PÚBLICO ONDE NOM CABEM OS DESEJOS PESSOAIS"

Francisco Vázquez

Na cerimónia de despedida como Presidente da Cámara da Corunha
08.03.2006

"HOJE O PROBLEMA FUNDAMENTAL JÁ NOM É A POLUIÇOM. O QUE SE PASSA É QUE A INDÚSTRIA LIMITA A EXPANSOM DA CIDADE PARA O MAR"

Pérez Touriño

Em relaçom à ENCE de Ponte Vedra
14.03.2006

"ASSIM NOM SE PODE TRABALHAR. TENHAMOS UMHA TARDE TRANQUILA PORQUE O POVO LHANO VAI-NO AGRADECER"

Manuel Marín

No Congresso dos Deputados
01.03.06

A FUNDO

Reformas laborais projectadas ameaçam com agravar retrocesso social maciço

DIRECTIVA BOLKESTEIN E REAL DECRETO-LEI 5/2001 PODERIAM CONSUMAR-SE PERANTE A DESMIBILIZAÇÃO GENERALIZADA

Os índices de retrocesso das condições de vida da maioria social galega nom som já notícia privilegiada da imprensa alternativa. Meios de comunicação empresariais e todo o leque político institucional exibem quotidianamente os incontrolados números da precariedade como arma de desgaste partidário, enquanto sindicatos estatais e patronato negociam nas

mesas e se encontram nas palavras: 'coesom', 'competitividade', 'investigação e desenvolvimento' parecem ser os pontos de encontro onde se cozinham as duvidosas soluções do diálogo social. No entanto, a sombra de duas importantes reformas paira sobre as e os assalariados galegos, que rejeitam na prática e em massa o enquadramento sindical.

REDACÇÃO / Ainda que muito poucos e poucas utilizem a velha terminologia de análise e denúncia, ainda que palavras como 'periferização' e 'dependência' saíssem das universidades e parlamentos para se refugiarem nos discursos das minorias combativas, os dados som esmagadores. A Galiza de 2006 afasta-se do país das passadas gerações porque se transita em auto-estradas, se comunica com telemóveis de última geração e se inça sem pausa de macrocentros comerciais que se erigem em centro de lazer maioritário de dúzias de comarcas. Ninguém duvida que a modernização entrou em cheio nas nossas vidas e nom há muito um especialista pedia um bocado mais de pressa a um sector agrário que nom se extinguiu rápido avondo como para chegar 'aos 5% de ocupados que registam os nossos vizinhos europeus'. Ainda, se na Europa abalam velhas conquistas longamente desfrutadas, na Galiza podemos modernizar-nos sem chegarmos mesmo a vivê-las.

De facto, o resto da parte ocidental do Continente nom conhece um índice de precariedade de 35%, que até mesmo tem ascendido um ponto desde a aprovação daquela reforma laboral que, após dezassete meses de negociações, o PP aprovava com o apoio do PSOE, UGT e CCOO. Se as e os assalariados do nosso país já se aproximam de 70% da população activa e tenhem provado nas próprias carnes os efeitos -chamados flexibilizadores- de um amplíssimo pacote de medidas de desregularização, os estudos mais divulgados reconhecem que o contributo da Galiza ao conjunto do PIB espanhol desceu desde 1980. Som os mesmos que reconhecem que mais de meio milhom de pessoas vivem nas fronteiras da CAG na pobreza relativa, um drama silencioso que denuncia Cáritas com maior reiteração e contundência do que as centrais sindicais maioritárias. Ninguém se atreve a fazer predições dema-



Frits Bolkestein, ministro liberal holandês, foi o autor da polémica Directiva sobre Serviços no Mercado Interior, mais conhecida polo seu nome. Entre outros pontos, propom a desregulação completa do sector serviços

siado afortunadas, porque o porvir nom se adivinha feliz e ainda nom se conhece freio para a emigração de 20.000 moças e moços sobrequalificados cada ano, nem para um processo de terciarização acelerado que favorece fundamentalmente a hospedaria. Tampouco a administração pública, esse refúgio em que tantos e tantas desempregadas procuram um fortim de estabilidade e direitos laborais blindados, parece ficar completamente a coberto do assalto flexibilizador. Assim, nesta Galiza que alcançou uns índices de emprego público sem precedentes na história, a temporalidade começa a ruir os antigos fundamentos da Administração. 18% deste sector de empregados já trabalham sob a sombra do 'fim de contrato'. Opositores galegos som conhecidos polas seus permanentes 'tours' polas provas que se convocam no resto do Estado, e o exército profissional, deslegitimado e em certa crise, nutre-se mormente de galegos e estremenhos originários das famílias mais precárias.

Que a realidade se endurece e

O ciclo mobilizador de 2001-2003 deu também espaço de privilégio às reivindicações operárias, e as duas greves gerais consecutivas que sacudiram a Galiza enfrentaram um PP deslegitimado. O recente confinamento da política ao espaço institucional e a louvada 'mudança tranquila' escurecem hoje as novas reformas que se aproximam

que algo falha no mais fundo é algo que ninguém se atreve a negar, nem mesmo os artífices deste panorama laboral atomizado e flexibilizado ao limite. "A ação sindical nom está a dar o resultado previsto", reconheciam membros do sector crítico do Sindicato Nacional de CCOO da Galiza já em 2001, quando esta central se desmarcara da greve geral nacional convocada pola CIG e a UGT. A laboral é, inquestionavelmente, a primeira das preocupações dos galegos e galegas, sobressaindo em todas as sondagens de opinião por cima das polémicas mais ou menos virtuais promovidas polos cabeçalhos dos grandes jornais. Sectores próximos do patronato tampouco manejam demasiados eufemismos. No passado ano era José Luis Fontenla, presidente da CEG, quem declarava a micro aberto "o excessivamente caro que era para o empresariado manter as actuais condições laborais" e a urgência de "tornar mais barato o despedimento". Em 2002, um estudo da Fundação Barrié de la Maza e o

Instituto de Estudos Económicos da Galiza analisava em pormenor a realidade da nossa mocidade trabalhadora. O certo é que durante o primeiro ano de emprego a maioria dos moços e moças do País nom alcançavam salários de 570 euros, quantia estipulada polo actual governo do PSOE e a sua 'mesa de diálogo social' como Salário Mínimo Interprofissional. O mesmo estudo reconhecia aliás o interesse da mocidade galega por um mínimo de estabilidade, o que levava a maioria dos entrevistados e entrevistadas a preferirem um trabalho no sector público a outro no privado, apesar das piores condições salariais. Reconhecia-se como razom primordial da prática ausência de matrimónios entre os 18 e os 30 anos 'a incerteza sobre o futuro', argumento que também explica a descida das taxas de natalidade.

A gente nova que hoje trabalha sem segurança sobre o porvir, com baixos salários e a pensar numha sobrevivência precária, porventura nom se distingue muito, neste aspecto, das gerações precedentes. Mas sim o fai num ponto: a sobrequalificação. Jovens licenciados e licenciadas, com numerosos títulos e mestrados, dominadores de vários idiomas, descem degraus na sua formação para se iniciarem na 'concorrência' na hospedaria, o transporte ou o comércio. Umha sobrequalificação que nom acha acomodo num mercado laboral superpovoado acompanha-se de quedas 'em picado' da auto-estima, stress e umhas exigências de bem-estar material idênticas às apregoadas pola indústria mediática. Esta é umha das causas mais frequentes de desordens mentais e transtornos na mocidade trabalhadora', afirma Oriol Martí, médico catalão envolvido nos movimentos sociais e autor de numerosas colaborações em meios alternativos sobre a situação da juventude no Estado espanhol: "muitas das politoxicomanias que estudo ten-



A CIG foi a primeira central sindical em mobilizar-se contra a Directiva europeia. O passado 14 de Fevereiro centos de pessoas saíram às ruas da Corunha contra o agudizamento da precariedade laboral e a desigualdade



A laboral é a primeira das preocupações dos galegos e galegas, sobressaindo em todas as sondagens de opinião por cima das polémicas promovidas polos cabeçalhos

hem origem em frustraões derivadas das exigências do mercado laboral, a sobrequalificação e um consumismo compulsivo que teme nom poder continuar quando faltar o salário", diz este doutor.

Nom se detém o diálogo social

Apesar desta realidade -ou, olhando-o de outro ângulo, precisamente por ela- o diálogo social nom se detém. Na CAG, e depois de ganhar as eleições do passado Junho, Pérez Touriño anunciava como umha das suas prioridades "a superaçom da cultura do subsídio da etapa Fraga e a abertura de umha etapa baseada na produtividade, a investigaçom e o desenvolvimento para alcançarmos a Europa". Além de comprometer 114 milhões de euros para contratar 45.000 desempregadas e desempregados no País, o presidente da Junta constituiu umha Mesa polo Diálogo Social composta por seis mesas sectoriais rumadas para achar consensos fundamentais no mundo do trabalho. No entanto, nas zonas mais industrializadas da Galiza -nomeadamente Trás-Ancos e Vigo-Lourinha- sucedem-se os acidentes laborais. Um dos mais recentes, acontecido em Marim, e que matou um operário de 21 anos da empresa NODO-SA, punha os trabalhadores e as centrais sindicais na rua e reforçava o ambiente de cepticismo e

No passado ano era José Luis Fontenla quem declarava a micro aberto "o excessivamente caro que era para o empresariado manter as actuais condições laborais" e a urgência de "tomar mais barato o despedimento"

certa resignaçom que se tem apoderado do mundo do trabalho.

As razoms nom som difíceis de compreender. Em mais de 25 anos de monarquia parlamentar, um diálogo social permanente -roto tam só polas greves gerais, entre as quais sobressai a de Dezembro de 88- tem estabelecido constrangimentos cada vez mais estritos na populaçom assalariada. Decerto, a engrossada administraçom estatal e autonómica tem aberto um espaço privilegiado de trabalhadores e trabalhadoras com direitos e 'folgança' salarial, mas o 'Estado enxuto' nom parece consentir mais o crescimento deste sector, e muito menos se nom é a partir da desregulamentaçom total do resto de sectores. E a des-

cida do desemprego -que abandonou os números apavorantes de meados de 90, quando atingira 24% da populaçom activa- canalizou-se para a temporalidade e a integraçom ainda mais conflituosa da mulher num mundo laboral que nom a exige do trabalho do lar nom remunerado. Trata-se de umha permanente encosta abaixo desde que em 1980 se aprovara um Estatuto dos Trabalhadores fortemente condicionado pola pressom social que ainda ecoava no final da Reforma política. A irrupçom do 'pactismo' sindical, assegurado com o primeiro governo do PSOE, possibilitou a introduçom de até dezasseis modalidades contratuais, pequena porta pola qual penetravam relaços de atomizaçom, deslocalizaçom e temporalidade; a fraqueza mobilizadora da década de 90 também foi aproveitada, superados os momentos críticos da reconversom naval e desintegrada a grande capacidade de convocatória das centrais: em 1994 chegam os contratos de aprendizagem -conhecidos popularmente como 'contratos lixo'-, as Empresas de Trabalho Temporário, e a ampliaçom de causas que possibilitam os despedimentos individuais. Mais adiante, com o PP ainda sem maioria absoluta em 1997, as novas modalidades de contrataçom 'para fomentar o emprego indefinido' introduzem a possibilidade de indemnizaçoms irrisórias perante o despedimento.

O ciclo mobilizador de 2001-2003 deu também espaço de privilégio às reivindicaçoms operárias, e as duas greves gerais consecutivas que sacudiram a Galiza (2001 e 2002) fõrom mais umha frente de intervençom social contra um Partido Popular deslegitimado e incapaz de gerar grandes consensos. O recente confinamento da política ao espaço institucional, as polémicas acirradas em Espanha, e a louvada 'mudança tranquila' da autonomia galega



A Galiza continua a manter uns índices raquíticos de filiaçom sindical (de 6%) e as centrais dificilmente envolvem o trabalhador ou trabalhadora de novo perfil

Negociaçoms inacabáveis e calma sindical

Mais de dezasseis meses levam o patronato espanhol, o governo do Estado e as centrais UGT e CCOO a negociarem o que já é Real Decreto-Lei 5/2001, tornado público a 2 de Março e ainda pendente de ratificaçom pelas Cortes. Zapatero, Méndez ou Fidalgo coincidem nas suas perspectivas: "Vamos para a negociaçom com a maior das flexibilidades", afirmou o presidente espanhol; o dirigente da UGT, por seu turno, manifestou que 'nom há pressa nenhuma; o tempo nom pode ser obstáculo para estas negociaçoms'. Nom se mostrou tam cauto o patronato, que por boca do máximo responsável pola CEOE rejeitava o primeiro dos rascunhos dizendo que o texto era 'insuficiente e, portanto, inegociável'.

Apesar de que o rascunho em questom aprofunda na linha aberta em 1997 -e que na altura merecera umha contestaçom maciça-, nem esquerda nem direita institucionais parecem desejar umha polémica dura, ainda que seja por razoms diversas. Enquanto a extrema-direita aguilhoa os fantasmas secessionistas e fai do Estatuto catalán e das negociaçoms do País Basco os principais cavalos de batalha para a reconquista eleitoral, um suspeito silêncio caracteriza o relativo à matéria laboral. Nom raro, quando PP e PSOE venhem coincidindo, ponto por ponto, na direçom neoliberalizadora que tem colocado a Galiza, em vésperas do maior corte de fundos de coesom da UE, nuns índices de temporalidade que superam 20 pontos os países vizinhos. Fontes sindicais comentam que 'a direita dura nom quer dar demasiada notoriedade à reforma que se aproxima, como demonstra a discreçom mantida face ao tema dos grandes projectos mediáticos ligados ao PP; mesmo a CEOE poderia ficar satisfeita com o conseqüido em 1997 se em troca se mantemem a paz e o diálogo social'. Quanto à esquerda parlamentar, nom parece demasiado esforçada em formular críticas explícitas que superem o comentário de rodapé. Francisco Rodríguez valorizava como "satisfatórios em termos gerais os dous

anos de governo do PSOE, ainda que se pudesse ser mais valente em certas questoms". Em parecida direçom apontava o líder de EU Gaspar Llamazares que, porém, ia um bocado mais longe: "Corremos o risco de umha viragem para o centro em matéria laboral se se consumir a reforma."

Este silêncio consensual nom diminui o alcance da reforma. "Nem o governo do PP se atrevera a tanto", afirma Antolím Alcántara, membro da Executiva Nacional da CIG. Com efeito, a central sindical nacionalista é a que mais está a incidir na necessidade de umha mobilizaçom contundente, e mesmo prepara umha jornada de luta para o próximo Outono. Dizem fontes sindicais "que o silêncio da UGT e CCOO nom mostra mais do que o acordo com a reforma; isto é, com o barateamento do despedimento, a eliminaçom da garantia judicial e administrativa para os despedimentos colectivos, que nom se teram que enquadrar em nenhum tipo de causas objectivas, e com a supressom da indemnizaçom por despedimento ao cessar umha subcontrata". Antolím Alcántara adverte contra a associaçom falsa entre 'temporalidade' e 'precariedade', que na sua central estão a pôr em causa. "O que assegura a qualidade de um emprego -continua o sindicalista- é antes o tipo de direitos que vam associados a ele e nom a sua duraçom". A CIG nom está só na oposiçom activa às medidas que se avizinham. Também a Central Unitária de Trabalhadores aderiu aos protestos no passado dia 10 de Março com a legenda 'Contra a reforma laboral do governo do PSOE'. Forças anarco-sindicalistas como a CNT e a CGT estão a fazer ouvir já as suas vozes nas ruas da Galiza, tencionando transferir iniciativas mobilizadoras que temem frutificado já em Espanha. No independentismo, NÓS-UP também se pronunciava recentemente pola necessidade de "unidade e mobilizaçom de classe, seguindo o caminho iniciado no 14 de Fevereiro com a mobilizaçom da CIG contra a Directiva Bolkestein".

Nova ameaça tecida na Europa

O 'nom' francês ao tratado constitucional nom tem travado a vocação regressiva da UE em matéria social. Paralelamente às mobilizações galas contra a nova modalidade de contratos juvenis, umha outra Europa continua a avançar. Expunha-o abertamente Philippe De Buck, presidente do patronato europeu, mostrando a sua satisfação e perspectivas imediatas: "o mercado único é um logro fundamental mas, se o foi polos produtos, será-o também para os serviços".

Essa é precisamente a motivação da Directiva sobre Serviços no Mercado Interior, mais conhecida como Directiva Bolkestein (polo nome do ministro liberal holandês que a desenhou), aprovada com reformas, e em primeira leitura, no Parlamento europeu a 16 de Fevereiro passado. Dirigentes de CCOO e UGT consideram-na "tam só umha ameaça que nom se vai consumir", daí que concluem que "o Parlamento vem de deitá-la por terra". Outras fontes, nom precisamente caracterizadas polo seu radicalismo político, desmentem este optimismo. ATTAC, por exemplo, analisava muito recentemente que "o perigo continua, nomeadamente graças ao entreguismo de um Partido Socialista que votou a favor na Europa, em contradição com o seu programa de defesa do sector público". A possibilidade da liberalização de serviços nom foi gorada polo parlamento, apenas exprimida noutrous termos. Desta maneira, excepto os serviços postais e a energia eléctrica e gasista, a mercantilização de todos os serviços ultrapassará as fronteiras dos Estados; no rascunho aprovado nom desaparece tampouco a opção de que se aplique às e aos trabalhadores a legislação do país de origem



O 'nom' francês ao tratado constitucional nom tem travado a vocação regressiva da UE em matéria social. Paralelamente às mobilizações galas contra a nova modalidade de contratos juvenis, umha outra Europa continua a avançar

Excepto os serviços postais e a energia eléctrica e gasista, a mercantilização de todos os serviços ultrapassará as fronteiras dos Estados; no rascunho aprovado nom desaparece tampouco a opção de que se aplique às e aos trabalhadores a legislação do país de origem



A Directiva Bolkestein adquiriu amplos apoios parlamentares após a sua reforma. Destaca-se por favorecer a deslocalização empresarial e as privatizações

rarem na categoria de 'independentes'. Perante a insegurança jurídica, os pleitos dirimirá-os a Corte Europeia da Justiça, organismo privado de controlo democrático e com um longo historial de sentenças contrárias aos direitos sociais.

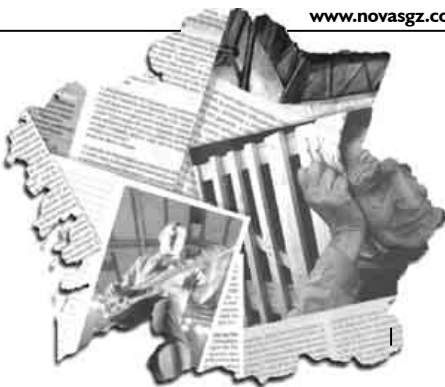
Que acontecerá na Galiza? Por enquanto, apenas podemos mencionar os pequenos gomos de denúncia e mobilização que assomam num panorama de calma generalizada. A CIG foi a primeira a sair à rua especificamente com este motivo, como já

Dirigentes de CCOO e UGT consideram a Directiva "tam só umha ameaça que nom se vai consumir". ATTAC, analisava que "o perigo continua, nomeadamente graças ao entreguismo de um Partido Socialista que votou a favor na Europa, em contradição com o seu programa

dixemos, mas fontes críticas do sindicato ponhem em causa a focagem da mobilização: "nom fai sentido convocar un acto de tal transcendência em horário laboral, restringindo a participação a delegados", afirmam. Poderá-se repetir o sucesso recente dos estivadores europeus? Nom parece fácil. A Galiza continua a manter uns índices raquíticos de filiação sindical (de 6%) e as centrais dificilmente envolvem o trabalhador ou trabalhadora de novo perfil: jovem, móvel, temporária, pluriempregada e alheia por completo à cultura de organização. Novas iniciativas contra a precariedade dam os primeiros passos noutras coordenadas, como podem ser nascentes 'assembleias de precários' em Compostela ou na Corunha, ou o Grupo de Agitação Social em Vigo. Os próximos anos darão prova da resposta que o neoliberalismo merece na Galiza.

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscrição + livro = 25 € 1 Ano, 12 números = 20 € Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

REPORTAGEM

Onde o problema da língua é a crise demográfica

NA ALTA SEABRA A CULTURA GALEGA TEM UM PROBLEMA MAIOR QUE A ADMINISTRAÇÃO CASTELHANA: A DESPOVOAÇÃO

EDUARDO MARAGOTO / Calabor, Ermisende, Luvíam, Porto e as Pias têm em comum o facto de serem as cinco terras galegófonas da Seabra. As quatro últimas som também os concelhos mais ocidentais da comarca e partilham o isolamento de qualquer centro populacional importante, se bem que nom se poda dizer que estejam mal comunicados, ao serem atravessados pola auto-estrada que comunica a capital do Estado com a cidade de Ourense. Conformam a Alta Seabra, também conhecida polas Portelas ou Entre-as-Portelas. Nas câmaras municipais asseguram-nos que 99% da população fala galego, mas a crise demográfica nom ajuda a reivindicarem qualquer tipo de direitos lingüísticos.

Apesar de hoje em dia integrar a província de Samora, ao longo da história nom tem havido discrepâncias quanto à filiação lingüística e cultural de Entre-as-Portelas. Da caracterização como 'galega' desta comarca há numerosos testemunhos, que mesmo chegam a incluir toda a Seabra (cuja capital é a mais populosa Póvoa da Seabra), ainda hoje reivindicada polo independentismo galego. Porém, a administração política da mesma encontra-se em Samora desde o primeiro terço do século XIX.

Separada desde 1833

A diminuição territorial da velha Gallaecia começou com a independência do Condado Portucalense, e continuou séculos mais tarde, com o progressivo esvaimento dos limites territoriais dos restos do Reino da Galiza. No reinado de Felipe II a Seabra fica pola primeira vez fora do Reino, apesar de as referências de autores da época continuarem a identificar a comarca como território galego. Assim, som numerosos os mapas do século XVI (Descripción del Reyno de Galicia, Gallaecia Regnum, etc.) que a incluem entre os limites da Galiza.

Mas esta confusa situação será definitivamente modificada com a Divisom Provincial de Javier de Burgos em 1833. Já quatro décadas antes, a Alta Seabra, ainda galega até 1789, fora incorporada a Valhadolid, talvez por ser o Conde de Benavente o proprietário daquelas terras, mas voltara-se a integrar na província de Ourense desde 1822 até 1833, ano em que passou definitivamente para Samora.



Felipe Lubián, Carlos Varela Aenlle, Héctor Silveiro, e Domingo Frades entram na Real Academia Galega no passado Dezembro de 2004, como representantes do galego vivo fora dos limites da Galiza administrativa.



Nas câmaras municipais asseguram-nos que 99% da população fala galego, mas a crise demográfica nom ajuda a reivindicarem qualquer tipo de direitos lingüísticos.

Crise demográfica: baixa mobilização

Na actualidade, a escassa importância demográfica da comarca tem impedido a estruturação de umha reivindicação em prol da galegidade da mesma. Tampouco existem contactos com o movimento galeguizador da comarca do Berzo (na mesma comunidade autónoma), como reconhece Igor Lugris, membro de Fala Ceive, que assegura que "nem sequer existe informação, pois ao pertencerem a províncias diferentes, os diários de Leom nom informam do que acontece na Seabra". Felipe Lubián, procurador das Cortes de Castela e Leom e ex-presidente da Cámara que lhe deu o apelido, ratifica esta visom, e acrescenta: "Como é possível o fomento de um associacionismo galeguizador entre 1.200 galego-falantes?". Em poucas décadas, de facto, os habitantes do seu concelho passaram de 1.000 a menos de 400. Ainda assim, a associação Gente Nova (com a sua revista Entre Nós) e o próprio Felipe Lubián tenhem-se significado pola defesa da galegidade cultural e lingüística das Portelas.

A solução nas mãos de autarcas

Com esta situação é natural que a saúde da língua na comarca dependa sobretudo da iniciativa de autarcas com compromisso cultural. Até há pouco, Ermisende e Luvíam representavam dous modelos absolutamente opostos neste sentido. O presidente do primeiro, do PP, falava galego na casa, mas nem reconhecia a sua língua vernácula como tal nem permitia aos seus alunos (também era professor) falarem galego entre eles. O segundo era regido por Felipe Lubián (PSOE), o promotor de várias Proposições Nom de Lei nas Cortes de Castela e Leom que melhoraram sensivelmente a situação do galego no ensino nesta comunidade autónoma. Mas esta melhoria só se verificou no Berzo (onde o ensino opcional de galego e em galego avançava mui lentamente), e ainda nom chegou à Alta Seabra: "O único centro que há nesta zona é o de Luvíam, de ensino primário, e conta só com 16 alunos; eu valizei ou, se nom surgia por parte deles ou, do pais, nom valia a pena meter o conflito."

Agora, a presidência de ambas as

câmaras municipais mudou. Em Luvíam, Teresa Silva Fernández (a mulher de Felipe Lubián e também do PSOE) é das poucas pessoas da comarca que nom fala galego, mas defende-o como se fosse a sua língua materna: "O galego é para nós como comer ou respirar [...] Sentimo-nos galegos, e as pessoas veem ridícula a polémica política gerada em Castela e Leom em relação à nossa identidade: vivemos a galegidade com muita naturalidade". Apesar de nom o falar habitualmente, responde às nossas perguntas num galego de boa qualidade e assegura que o trabalho galeguizador encetado polo seu homem continua no concelho: "Nos reis damos a cada criança um livro em galego. Numha ocasião foi de Xavier López [um escritor da comarca] para verem como na nossa comarca também se pode produzir cultura galega". Tampouco oculta a alegria por Ermisende ter mudado de presidente: "Agora é do PSOE; o outro felizmente está em Samora: ali poderá falar o castelhano que queira." O novo presidente de Ermisende chama-se José Ignacio, natural de Castromil. A diferença do anterior, reconhece a identidade galega da língua que fala, ainda que se queixe de que há palavras da zona que nom figuram nos dicionários normativos. Assegura-nos que há muitas outras urgências no concelho, mas a língua também figura na sua agenda: "nom há nada firme ainda, mas tenho projectos que nom gostaria de antecipar."

O Estatuto

O trabalho de Felipe Lubián em prol do galego nas Cortes e no concelho foi reconhecido em 2004 com um posto na Real Academia Galega, algo que nem toda a gente aplaudiu em Valhadolid. Mas Felipe Lubián pensa que a sua posição é compreendida dentro do PSOE, que mesmo estaria disposto a levar o português como segunda língua estrangeira aos centros fronteiriços da Comunidade. Porém, quando olha para ocidente, nom oculta as simpatias com o BNG, apoiando a proposta de Estatuto em que se possibilita a incorporação de concelhos fronteiriços à CAG. Só lamenta que nom se tivesse feito em 1980, como ele pedira: "Agora, depois de 25 anos, já é tarde, mas nom pode deixar de censurar a hipocrisia de quem agora critica essa hipótese, pois o estatuto vigente em Castela e Leom permite a incorporação e comunidades autónomas inteiras."

A escassa importância demográfica da comarca tem impedido a estruturação de umha reivindicação em prol da sua galegidade. Tampouco existem contactos com o movimento galeguizador do Berzo. Em poucas décadas, de facto, os habitantes de Luvíam passaram de 1.000 a menos de 400. Ainda assim, a associação Gente Nova (com a sua revista Entre Nós) e o próprio Felipe Lubián tenhem-se significado pola defesa da galegidade cultural e lingüística das Portelas

REPORTAGEM

Feminismo, sempre imprescindível

NA SOCIEDADE AINDA DOMINAM OS ESTEREÓTIPOS HERDADOS DOS ANTIGOS PAPÉIS MACHISTAS

É o slogan escolhido neste ano 2006 pela Marcha Mundial das Mulheres. Umha assinatura bem apropriada para o momento que está a viver o feminismo na Galiza. Caminhamos neste século XXI tendo que defender o feminismo como umha ferramenta útil para a mudança social. Os avanços atingidos, a pressom e umha maior sensibilização social, conquistas em si

mesmas, trouxo também a ocultação de muitas realidades sob umha aparência de igualdade. As agressões, os baixos salários, a prostituição, a bulimia e a anorexia, a pobreza... formam parte da vida de milhares de mulheres. O feminismo continua a ser imprescindível porque as mulheres continuamos a querer e a necessitar viver numha sociedade melhor.

REDACÇOM / As trabalhadoras galegas percebêrom em 2004 um salário 27% inferior ao dos homens. Ademais, a ocupação das mulheres na Galiza em 2005 dista oito pontos da média da União Europeia dos 25 membros. As mulheres representam 52% das pessoas em idade laboral na Galiza mas só 42 por cento do total da população empregada. É umha realidade laboral no País que traz como consequência que as mulheres tenham umhas vidas laborais mais curtas e descontínuas, o que se reflecte em que tenham muitas mais dificuldades na hora de aceder às prestações de desemprego e às pensões.

Democracia paritária

No dia 3 de Novembro de 1992 adoptou-se na Cimeira Europeia Mulheres no Poder a Declaração de Atenas, que denuncia o défice democrático e proclama a necessidade de conseguir umha distribuição equilibrada dos poderes públicos e políticos entre homens e mulheres. Na actualidade, o governo de Rodríguez Zapatero em Madrid, e o bipartido PSDG-PSOE e BNG na Galiza mantêm o esquema surgido da referida declaração. O que já é conhecido como 'democracia paritária': mesmo número de ministras que de ministros, mesmo número de conselheiros que de conselheiras.

A crítica feminista quanto ao equilíbrio governamental de género pretende desmascarar as desigualdades no acesso aos postos de poder, nomeadamente dos que ficam por detrás das ministras e das conselheiras. No caso



O passado 11 de Março mais de quinhentas pessoas mobilizavam-se em Compostela convocadas pola Marcha Mundial das Mulheres / NATÁLIA GONÇALVES

Continuam a ser estruturas patriarcais as que constituem a "normalidade"

galego, nem Secretarías Gerais, nem organismos públicos nem meios de comunicação públicos respeitam paridade nenhuma. O poder continua a ter género masculino. É o que Adrienne Rich, poetisa e teórica feminista norteamericana chama 'quota feminina' e define como 'falso poder' que a sociedade masculina oferece a umhas poucas mulheres, com a condição de o usarem para

Heterossexualidade e monogamia continuam a ser as condutas percebidas como 'boas'

manter as cousas como están". Ademais, significa que nom pode haver mais mulheres do que homens num governo. As estatísticas a nível mundial apontam que só 5% dos Estados fõrom dirigidos por umha mulher.

A sexualidade adormecida

Depois de décadas de luta feminista e de indubitáveis avanços quanto à afirmação das mulheres

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressão económica
2091 0395 21 3040001337

A Peneira
Xornal Galego de Información Xeral

A Peneira
Cabeceras Comarcals

A Peneira
do Condado/Paradanta

A Peneira
da Lourinha

RENOVAÇÃO

EMBAIXADA GALEGA
DA CULTURA

Apartado 24034 - 28080 - Madrid

CASA DAS CRECHAS

Via Saera, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com

como individuos com pleno dereito de desfrute sobre a súa sexualidade, non podemos deixar de perceber que aínda dominan na sociedade os estereótipos herdados dos antigos papéis machistas. Continúan a ser estruturas patriarcais as que constitúen a "normalidade", e a heterossexualidade e a monogamia continúan a ser as condutas maioritariamente percebidas como 'boas', deixando-se para outros modelos de relación, como moito, a simples tolerancia, e nem sempre, se bem que no Estado exista un millón de familias monomarentais, por pór só un exemplo.

Numha sociedade que cada día fala de avances na igualdade de homens e mulleres nos planos familiar e laboral, som aínda o 30% desses homens os que habitualmente recorren á prostitución na Galiza, deixando fora de xogo a posibilidade de esses pretendidos avances serem compartilhados por essas mulleres presas de prácticas abusivas e violentas que non fan senom perpetuar a dominación sexual dos sujeitos masculinos sobre os femininos.



As traballadoras galegas percibéron en 2004 un salario 27% inferior ao dos homes. Ademais, a ocupación das mulleres na Galiza en 2005 dista oito puntos da media da Unión Europea dos 25 membros / NATÁLIA GONÇALVES

As mulleres representan 52% das persoas em idade laboral na Galiza mas só 42 por cento do total da poboación empregada. É umha realidade laboral no País que traz como consecuencia que as mulleres tenham umhas vidas laborais mais curtas e descontinuas, o que se reflicte em que tenham muitas mais dificultades na hora de acceder às prestaçons de desemprego e às pensons



N.G.

Alguns olhares sobre nós

Na Galiza, no ano 2005, publicávan-se As Terceiras Mulleres de María do Cebreiro Rábade Villar, A Palabra das Fillas de Eva de Teresa Moure, Elas e o Paraugas Totalizador de Helena González ou Love me Tender de Ana Romani. Análise literaria, ensaio ou poesia que abrangem a situación e os problemas da muller de diferentes perspectivas. Em Janeiro deste ano, e aínda que só se poda ler en espanhol, a editora Horas y Horas publicou Artes

de lo posible de Adrienne Rich, un libro de artigos e entrevistas com a escritora, teórica feminista e militante lesbica. Na rede, nas seccións Pam e Rosas do portal www.rebellion.org e em Mulleres em Rede, de www.nodo50.org, pode ser seguida a actualidade das organizacións de mulleres a nivel internacional, com artigos de investigación feminista e información sobre os diferentes conflitos que protagonizam as mulleres em todo o mundo.

Em reivindicación de umha sociedade laica

Em 1953 o goberno espanhol assinava un concordado com a igrexa católica polo qual a "religião católica, apostólica e romana continúa a ser a única da nação espanhola", dando-lhe poder para a censura, adaptando-se o ensino ao dogma católico e asegurando-se a sustentabilidade económica do clero com isençom de impostos incluída. Em 1979 volta a assinar-se o mesmo concordado, com as mudançom que exigiam os novos tempos, mas a "lavagem de cara" respeitava os acordos originais de 1953, que aínda continúan vigentes.

A importancia de un estado laico consiste em que o sistema de goberno non impom hegemonias educativas, culturais, ideológicas, morais ou religiosas. Se a igrexa perdesse tudo isto, desabaría todo o sistema que a sustenta assim como o apoio económico que recibe. No estado espanhol a legislação sobre reprodución assistida, matrimonio, divorcio, aborto e investigación em matéria reprodutiva está condicionada

A legislação sobre reprodución assistida, matrimonio, divorcio, aborto e investigación em matéria reprodutiva está condicionada polas posicións da Igrexa

gias de perder o monopólio sobre o bom e o mau. Nom estranha que muitas das campañas de organizacións de mulleres insistam na importancia de un estado laico.

600.000 mulleres morrem desnecessariamente cada ano como consecuencia de gravidezes e partos; 5,8 millóns de persoas contraem a sida e 2,8 morrem anualmente. A igrexa católica mantém umha postura tradicionalista em temas como matrimonio, aborto ou negaçom do uso do preservativo e outros métodos anticonceptivos mesmo em casos de violaçom. Em 1999 monsenhor Elio Sgreccia, vice-presidente da Academia Pontificia, asegurou que o uso da pílula do día depois era comparável ao aborto, referindo-se à distribución deste método entre as refugiadas do Cosovo.

A igrexa católica opom-se ao feminismo "radical" que equilibra "em tudo o homem e a muller", texto de uma carta dos bispos chefiados polo aínda cardinal Ratzinger.

polas posicións da Igrexa, facto conhecido polos legisladores que emitem mensagens tranquilizadoras para non serem denunciados os acordos de 1979. Isto é, continuar a reconhecere os privilegios em matéria de educación, financiamento, patrimonio cultural que fan com que a religião católica seja a oficial.

A misoginia das religiões apoiadas no medo das hierarquias reli-



CULTURA



A Revolta recupera a figura do Merdeiro viguês

JÚLIO SAÍANS / A Revolta começou há três anos o desafio de recuperar um símbolo da nossa rica cultural popular, umha personagem saída do fondo do Berbês marinho. A partir de um artigo de um jornal viguês que fazia mençom à figura do Merdeiro -em que se transformavam os marinheiros na época do entrudo-, começou a procura das suas origens, as suas circunstâncias, e até a sua desaparición. No ano 2005, Gerardo Fernández Sam Tomé, um professor que tinha feito umha investigación autodidacta sobre o assunto, passou polo centro Social para ministrar umha conferencia. E a partir daí fñrom os estudos e desenhos de Joaquim Lourenço "Jocas" ou Vicente Risco, as fotografías da época e diversos informantes os que ajudáram a completar os dados necessários para a caracterización da personagem.

O Merdeiro é talvez a única personagem do Entruido urbano da Galiza. Os marinheiros da ribeira do Berbês escolhérom-na para ridicularizar os labregos que vinham das zonas rurais próximas de Vigo para recolher o escabiche (refugalhos do trabalho marinho), pedaços de peixe ou simplesmente para limparem os

poços negros da cidade, obtendo estrume para as leiras. Estes labregos, chamados *escabicheiros*, vinham durante a noite e levavam um candeeiro atado à cintura para iluminarem os poços negros. Na paródia, os marinheiros vestiam roupa de camponeses, exagerando os ornamentos, com o propósito de os escarnecerem. Assim, levavam a camisa de fora, cousa que nom era habitual e considerada de mal gosto. Na parte de trás do colete levavam desenhos de animais ou luas e estrelas...

À cintura levavam umha faixa ou corda em que penduravam réstias de cebolas e na parte de diante umha vassoura velha simulando umha candeia. Sempre iam com umha vara na mao. Sobre a cabeça, com pelo de lá, um chapéu imitando o pucho dos labregos com formas animais, quase sempre umha galinha. Com a intenção de assustar e, da mesma maneira que muitas outras personagens do entrudo galego, o Merdeiro, nas suas saídas, arrojava algo às pessoas que encontrava no caminho, neste caso escabiche ou peixe podre.

O magnífico trabalho de recuperaçom levado a termo polo colectivo viguês completou-se

com a realizaçom das máscaras, o elemento de que menos informaçom se tinha. Apesar de nom dispormos de dados totalmente fiáveis, supom-se que deveriam ser o mais ridículas e feias possível. Pancho Álvarez encarregou-se do seu desenho e elaboraçom.

O Merdeiro sempre tivo inimigos. O mais característico da personagem era a exageraçom da vestimenta do labrego e o seu comportamento social anárquico e mal educado. Se é verdade que o franquismo e a repressom o perseguiu e o proibiu, a precipitaçom da sua desaparición tem antes a ver com o desenho de um Entruido enlatado e de comparsa alheio à realidade que nos rodeia. A perda dos valores tradicionais desta festa popular pom em perigo a recuperaçom destas entranháveis figuras e de tantas outras cousas que nos impedem realizar-nos como galegos e galegas.

Sobre esta personagem recuperada, o Centro Social Revolta e a Associação vicinal e cultural Casco Velho de Vigo editou um livro de Gerardo F. Sam Tomé que leva por título: *O Merdeiro: umha Personagem do Entruido Viguês*.

Sorkun, mini-turné galega



INÁCIO GOMES / Há quem entenda que nom chega com cantar bem para que umha voz destaque; é preciso, também, que seja original, peculiar, e sem dúvida alguma a de Sorkun cumpre estas duas características. Desde os seus primeiros passos com Kashbad, em meados da década de 90, a sua voz começou a destacar no panorama musical basco, chamando a atençom de diversos projectos musicais e chegando a colaborar, entre outros, com Negu Gorriak, Joxe Ripiau ou Ekon. Mas nem tudo terminou com Kashbad e logo chegariam outros projectos e dous discos exclusivos: o primeiro foi Onna (Metak, 2002), um disco bastante diferente ao que traz debaixo do braço para esta mini-turné, no sentido de que era um trabalho mais contudente, mais roqueiro até. Em Duna (Kontrakalea / Metak, 2005) encontramos algo mais íntimo, diferente. Ela mesma explica a evoluçom: "Bom, sim, realmente é mui diferente, foi pensado para musicar um filme de surf. Por isso começamos com a electrónica e os teclados."

Sorkun e a sua banda estarám de visita este mês, tocarám no dia 24 na sala DZINE de Sam Sadurninho (Ferrol) e no dia 25 na sala Iguana de Vigo: boas oportunidades para desfrutar ao vivo de umha das vozes do momento. Isto foi o que nos contáram:

- **Ao vivo...** É um concerto de rock, contam-se cançom com muitos matizes diferentes mas soa basicamente a rock. Creio que é interessante.

- **Que andas a ouvir agora?**

Pois por exemplo MIA, Qotaa,

Fu -Manchu, Gentelman e The Mars Volta. Nom sei, no meu carro há mil cd's a dar voltas.

- **Encerramento de Metak, um dos selos com que tens trabalhado...** A mim, nom me surpreende e penso que o melhor é assumir-lo quanto antes. Nom se pode concorrer com a internet, o emule... Seria estúpido tentar que nom se copiem os cd's: esse formato já está obsoleto. Eu nom vivo das vendas, vivo dos concertos, assim que supomho que tudo o que seja um intermediário entre artista e público irá desaparecendo: discográficas, distribuidoras...

- **Projectos: estás a preparar um tema em japonês...**

Estou, mandamos a música para lá e estám a ver, mas já nos dixérom que havíamos de poupar mil euros para viajarmos com toda a banda até ali, assim que já se nos foi um pouco a vontade (risos).

- **Nem tudo há de ser música, e os filmes?**

Pois os mais actuais. *Crash*, evidentemente: alegro-me de que ganhasse, umha pessoa sai do cinema a abalar e isso para mim tem muito valor. Também *História de umha Geisha*: a história é preciosa, mas esteticamente é melhor ainda. Há um momento em que ela dança que é digno de ser copiado para um concerto de rock.

- **Questionário rápido: o que é que che dim as seguintes palavras?**

Morphine: Protecçom **South Park:** Kenny **Kashbad:** família

Odon Elorza: gargalhada

Proceso de paz: vital **Bjork:** aborrecimento **ETB:** querer e nom poder **Kortatu:** Fermín

Portishead: elegância, classe



A GALIZA NATURAL

Courel, onde sempre foi bosque

JOÃO AVELEDO

A corda a Primavera no Courel e verdes diversos sobem, devesa acima, para os "tesos cumes que olham de longe". São as devesas os bosques milenários do Courel, um território que se estende entre Quiroga, Oëncia e o Zevreiro. Devesas como as da Rogueira, Romeor, Faro, Rio Cereija, Fonte Formosa, Cervo, Paderne... Lugares de encontro das floras eurosiberiana e mediterrânea, é tal a riqueza botânica que encerram, que sendo o Courel arredor de 1% da superfície galega alberga 40% das suas espécies vegetais.

Refugiada nas abas do Pico Formigueiros (1.643 m de altitude), achamos a mais conhecida destas florestas, a Devesa da Rogueira. Nos seus pouco mais de 200 hectares de superfície encontramos mais de 700 plantas distintas. Na Rogueira convivem, formando diferentes estratos de vegetação, castanheiros, aveleiras, azinheiras, carvalhos de três espécies diferentes, azevinhos, faias (que têm aqui um dos pontos mais ocidentais da sua distribuição), teixos, vidoeiros, tramazeiras...

O Courel também destaca pela sua fauna, com mais de 160 espécies de vertebrados. Sabem estas montanhas de águas-reais



Imagem de Carnabudos no Courel

(em grave risco de extinção no nosso país), de charrelas (agora autênticas raridades), de lobos, martas, arminhos, gatos-bravos... e ainda de algum urso, visitante ocasional. E continuam a guardar memória de cabras-bravas, camurças e galos-monteses que as habitaram algum dia, não há muito.

A sua riqueza natural passa também por ser esta serra um dos pontos geológicos estruturais mais importantes da Península Ibérica. Achamos xistos (piçarras), quartzitas e calcários, existindo nesta comarca ao redor de cem grutas calcárias e, precisamente, numa delas mora o galaicodytes caurelensis, um escaravelho único no mundo, que tem os seus parentes mais próximos nas selvas da América

Central. Nestas covas também podemos encontrar impressionantes estalactites e estalagmites, assim como fósseis do gigantesco urso-das-cavernas. Pequenas lagoas, como a de Lucença, salpicam estas paragens, nelas ainda se deixam ver as pegadas da época glacial. Do miradoiro de Campodola-Leixazós contempla-se um espectáculo geológico excepcional na Europa, uma dobra sinclinal a céu aberto, colossais forças tectónicas fizeram com que a montanha "dobrasse" e, em Campodola, é mesmo como se as entranhas da Terra se abrissem perante os nossos olhos.

Começamos e acabamos com Novoneyra, o poeta do Courel, para dizermos: aqui sente-se bem o pouco que é um homem.

PORTAL GALEGO DA LÍNGUA

Semana da Galiza em Braga

MIGUEL R. PENAS

Falava eu há já por volta de um ano (NGZ nº 28) da necessidade estratégica que temos os e as galegas de apagar a raia que nos separa dos e das nossas irmãs portuguesas. No PGL temos a certeza de que este deve ser um dos nossos objectivos principais. Até hoje já temos avançado um algo mais, ao integrarmos no nosso Conselho de Redacção um colaborador português estável. Chegam-nos agora mais notícias que confirmam que o trabalho encetado pelo PGL começa a dar resultados.

Teremos que mostrar essa outra Galiza que deseja integrar-se e recuperar protagonismo

De 18 a 26 de Março vai transcorrer a Semana da Galiza em Braga. Umha iniciativa que nasce de utentes e colaboradores do PGL sob o guarda-chuva de ATTAC-Braga. Serám uns lindos dias para o reencontro entre duas bases portuguesas, mas seremos as e os galegos os protagonistas. Teremos que mostrar essa outra Galiza que deseja integrar-se e recuperar protagonismo na Lusofonia. Teremos de ajudar a que também as e os nossos irmãos apaguem a sua raia. Com certeza que muitas e muitos ficarám surpreendidos da Galiza que vam poder ver, ouvir, sentir e até provar.

Entre outros muitos participantes e colaboradores, o PGL, a AGAL e as suas iniciativas, propostas e trabalhos também estarám presentes.

POLOS OLHOS DE....

Nacho, delegado da selecção nacional de futebol

UM LIVRO:

A Trégua, de Mario Benedetti
Um grande escritor que seguim durante muitos anos.

UM DISCO:

O Muro, de Pink Floyd. Dos velhos tempos, um LP completíssimo. Naquela altura significou umha autêntica revolução musical.

UM WEB:

www.vieiros.com Na verdade nom navego muito pola rede, mas das poucas vezes que o fago costumo visitar Vieiros para me informar da actualidade galega.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

Começamos, com este número, a publicação de umha série de artigos dedicada à sexualidade do ponto de vista do feminismo, da autoria da nossa colaboradora habitual Beatriz Santos.

Sexo, sexualidade e erótica

BEATRIZ SANTOS

Nesta secção vai-se tratar o tema do **sex-o** a partir do paradigma do *facto sexual humano* frente ao modelo do planeta "prazer-genitalia".

O objectivo principal é contribuir a entender, a nos entendermos. Falará-se, claro que sim, de genitais e de prazer, mas nom será esse o cerne: nom somos conas, nem caralhos, nem orgasmos andantes; mas sim somos seres sexuados que focalizam ou nom nos genitais os seus encontros e que tenham orgasmos, ou nom. Seres que, inevitavelmente, se sexuam, entendendo por sexuação esse processo polo qual ao longo das

nossas **biografias** nos vamos configurando como mulheres, homens... com um arco infinito de matizes que nos caracterizam como pessoas únicas e irrepetíveis. Se é um facto biográfico nom pode ser estático.

Na construção da pessoa sexuada intervem elementos sexuantes diversos que vam desde os genéticos até os relacionais, passando polos de nascimento, assinação, emocionais, conductuais, morais, rólicos, estereotípicos, simbólicos...

Estes elementos sexuantes, ademais de nos construírem, vam influir em como nos vivemos, em como nos vemos e sentimos (ou

seja, na nossa **sexualidade** -com os matizes da hetero-homo-...-sexualidade-) e evidentemente na nossa **erótica** (os jeitos de expressom de tudo o que somos e sentimos através *dos desejos*, fantasias, gestos e práticas amatórias, do relacional, do encontro com a outra/ com o outro/ Se somos 'os sexos', porque vem sendo sexo só umha determinada parte do nosso corpo, porque só umha determinada maneira de erótica...? Pois a cousa dá ou nom che dá que roer?

"*Dá-lhe a volta, dá-lhe a volta, dá-lhe a volta e ao cantare, dá-lhe a volta, dá-lhe a volta que ainda nom lha sabes dare*".

ARROZ COM CHÍCHAROS

Lampreia na brasa

ANA ROCHA / Precisamos de umha lampreia fumada. Pomo-la a demolhar o dia anterior. Antes de levá-la à brasa, raspamo-la com umha faca. Tiramos-lhe a espicha (pele) da parte esquerda e untamos com touzinhos e umha pinga de azeite. Agora para a grelha, com a pele

por baixo, e vamos dando-lhe voltas. Com lume brando na brasa, em 10-12 minutos teremo-la pronta.

Numha bandeja pomos rodela de cebola cortadas bem fininhas, sobre as quais colocamos a lampreia em pedacinhos pequenos. E a comer!



DE BASE

Arrincadeira: “Queremos abrir un espaço para actividades e assentar a base social”



NATÁLIA GONÇALVES / Arrincadeira. Esse é o nome do novo espaço para a mocidade do Ribeiro. Arrancáramos em Fevereiro deste ano, mas o projecto já estava nas suas mentes desde há meses. Construir um local de

ócio alternativo, criar consciéncia, promover e divulgar a cultura e a língua galegas, trabalhar contra a desídia e a passividade da gente nova som alguns dos objectivos marcados.

“A ideia surge de un grupo de moços e moças da comarca conhecidos entre nós de terem participado já em diferentes movementos sociais. Compartilhamos inquietações e vimos a necesidade de cubrir un vazio cultural, com o olhar posto sobretudo na gente nova. Num primeiro momento trabalhamos na confecção da própria asociación, que se apresentou em Agosto do ano pasado, sempre com a ideia, a médio prazo, de habilitarmos un espaço físico onde pudéssemos desenvolver as actividades da asociación.”

À diferença de outros locais sociais, este local é próprio de Arrincadeira, ainda que no futuro é provavel que sejam integradas mais asociaciones.

Dentro das actividades que desenvolvem organizam jornadas, conferencias, roteiros para dar a conhecer o patrimonio natural e cultural da comarca, projecções, cursos de música tradicional galega, etc. Em Dezembro pasado realizaram unha exposición de autocolantes políticos dos anos 70

e umhas jornadas de debate com o nome “A reforma da constituíçom e os estatutos: a questom nacional a debate” em que participáram Bernardo Valdés, Xosé Manuel Beiras e Mendez Ferrín.

Também están a trabalhar no 3º numero de un boletim que editam chamado *Cavado a Man*. “Começamos a andar há pouco e ainda nom nos propugemos nem nos propugérom fazer parte da coordenadora nacional de centros sociais, ainda que é evidente que existem afinidades entre a filosofia deste e dos outros locais sociais que existem polo País”.

“A maior das nossas ambições é pôr a andar o local e que funcione. Pensamos que, à diferença de outros locais que están em cidades ou vilas maiores, aqui temos o condicionante de estarmos numha vila com poucos habitantes e numha comarca onde a maioria da gente nova está fora, a estudar ou a trabalhar, problema que afecta metade das pessoas que decidimos fundar a asociación, mas é un condicionante que já conheci-

amos desde o primeiro dia.” Assentar a base social e que se converta num local de referéncia na comarca é outro dos seus objectivos. Já som cinqüenta asociados e asociadas e ainda nom há um mês que abrírom, “mas tentamos que os sócios e sócias se impliquem nas actividades e no trabalho diário e que o compromisso nom fique unicamente no pagamento das quotas.”

O local disporá de biblioteca e sala de reunions e já decidiram estabelecer un mínimo de actividades mensais que serán sobretudo aos fins-de-semana, já que de momento só abrem às sextas, sábados e domingos desde a tardinha até a noite.

“Sobre a resposta das pessoas pensamos que estamos a oferecer algo novo e sobretudo a abrir un espaço que responde à procura que havia de actividades deste tipo, polo qual aguardamos ter un bom acolhimento, já que o día da inauguraçom a assistência foi muito boa.” Adiante entom, Arrincadeira.

AUDIOVISUAL

MISÉRIAS DO AUDIOVISUAL GALEGO

Do compromisso com a língua (III)

COMBA CAMPOY,
ALBERTE PAGÁN
XIS COSTA



“As pessoas que fan cinema som fillos de pais burgueses. Incorporam ao seu trabalho as debilidades da sua classe decadente. Como resultado, o cinema -arte popular em esséncia- é fabricado e dirigido por homens cada vez mais distanciados do povo.” Som palavras de Renoir, em 1936. Décadas despois Godard criticava o facto de o cinema mundial estar feito por homens brancos ocidentais (a custa das mulheres, dos non brancos, dos non ocidentais).

Hoje, continuamos a ter saudades do compromisso político e social (e lingüístico) da gente do cinema. Semana das letras/imagens galegas no CGAI corunhês, 2005: de umha dúzia de títulos exibidos, só um par fôrom em galego. Como mostra de Vídeo Galego nom está mal. Que cada pessoa se expresse no idioma que lhe pete, faltaria mais. Mas achamos em falta o compromisso do artista, da criadora, com a realidade, o de Renoir em 1936 ou o de Godard em 1968. Um compromisso que nas artes das letras é mais firme e mesmo tem certo prestígio, mas está totalmente ausente no mundo audiovisual galego.

A língua galega só se utiliza quando subvençoms obrigan (autoridades: tomem nota). Mas trata-se de un uso litúrgico e forçado, un pequeno contratempo que se há de suportar. Os filmes rodam-se em castelhanu (Finisterre, El lápiz del carpintero, este último “baseado no romance publicado por Alfaguara”, segundo os seus próprios créditos) para a continuaçom ser dobrada para o

galego (mas, quanto a nós, sempre preferimos as versons originais, que lhe vamos fazer). Villaverde afirma cuidar muito as dobragens galegas dos seus filmes. Nom se entende entom porque em Fisterra todo o mundo fala galego, seja em Madrid ou em Lisboa, excepto a personagem de Geraldine Chaplin, cujo inglês preferiu legendar. No cinema franquista todo o mundo falava com sotaque de Valladolid. Nom vai sendo hora de respeitar a diversidade, de deixar que os madrilenos falem castelhanu, que os lisboetas falem portuguê, que Chaplin fale inglês e que os galegos falem galego, mesmo nas ruas de Madrid? Chamam a isto normalizaçom lingüística?

Isto acontece porque importa mais o mundo do cinema que o próprio cinema, o tapete vermelho que o celuloide, os prémios que a arte. Referim-nos àqueles que abarrotam o Teatro Principal na gala de homenagem a Manoel de Oliveira e logo abandonam a plateia durante a projecçom dos seus filmes. Os mesmos que inventam un festival “internacional” chamado Curto-circuito (lema, “nom te curtes”, mal traduzido do espanhol, para que nom se perda o jogo de palavras; a dobragem aplicada aos títulos dos festivais) onde o que menos importa som os filmes, onde o que mais importa é o tapete vermelho e a ‘gala’ na Chocolataria à qual, após a entrega de prémios, só se pode acudir com convite. Retonhos burgueses engomados jogando a Hollywood.

Viva o espectáculo!



DESPORTOS

Taça do Mundo de Triatlo de Aqaba confirma Galiza como potência mundial

O magnífico segundo posto conseguido polo triatleta galego Xavier Gomes Noia na segunda prova do calendario da Taça do Mundo de Triatlo, voltou a pôr de actuali-

dade este desporto. Desde que um galego de Ordes, Ivám Ranha, se converteu no melhor triatleta do Mundo, o triatlo açambarca na Galiza cada vez mais presença mediáti-

ca e atençom de adeptos, para além de um cada vez maior número de praticantes. Existem 15 clubes, adseridos á Fedraçom Galega de Triado.

REDACÇOM / O triatlo conta com poucos anos de existência, tanto a nível mundial como na Galiza, se o compararmos com outras modalidades semelhantes. Mas os êxitos recentes dos nossos triatletas están a contribuir para o crescimento de um desporto definido polos seus praticantes como "espectacular, apaixonante, individual e de resistência". Um "três em um" que se compom das seguintes disciplinas: nataçom, ciclismo e corridas a pé. Seguindo esta ordem e sem tempos mortos, quer dizer, o cronómetro nom para enquanto dura a competiçom.

As diferentes categorias da competiçom estabelecem-se em funçom das distâncias: sprint (0,750 km de nataçom, 20 km de ciclismo e 10 km de corrida), olímpica (1,5; 40; 10), dupla olímpica (3; 80; 20) e tripla olímpica (4; 120; 30). Existe umha categoria absoluta masculina e outra feminina, para além das categorias cadete, junior, sub-23 e veterano 1, 2 e 3. O triatlo é a mais conhecida de um conjunto de modalidades similares: duatlo (corrida - ciclismo - corrida), triatlo de Inverno (corrida - ciclismo - esqui de fundo), aquatlo (corrida - nataçom - corrida).

Para além destas modalidades reconhecidas pola ITU (International Triathlon Union), existem outras modalidades: triatlo corta-mato (nataçom - ciclismo todo-o-terreno - corrida por qualquer tipo de superfície); duatlo corta-mato (corrida por qualquer tipo de superfície - ciclismo todo-o-terreno - corrida por qualquer tipo de superfície) e quadratlo (nataçom - canoagem - ciclismo - corrida). Na



O palmarés de Ranha é espectacular, situando-se como um dos desportistas galegos mais laureados

Galiza existem 15 clubes de triatlo, adscritos à Fedraçom Galega de Triatlo, cujos e cujas triatletas participam em diferentes provas, algumas do máximo nível, tanto a nível internacional como a nível galego.

A organizaçom destas últimas incluem-se no Circuito Galego de Triatlo, que consta de quatro provas puntuáveis para o Campeonato Galego (Ponte Vedra, Lugo, Vila Garcia e Corunha), 2 triatlo populares (Alhariz e Oleiros), além de 2 provas fora de circuito (Vigo e Vila de Cruzes) e um triatlo de montanha. Na Galiza realizam-se muitas outras provas de triatlo, duatlo e aquatlo.

Neste sentido, o campeonato galego de aquatlo realizou-se em Ferrol no mês de Junho e o Campeonato Estatal de

Autonomias terá lugar em Compostela nos dias 18 e 19 de Março, e a Galiza é umha das grandes favoritas em muitas categorias. O crescimento deste desporto deve-lhe muito, sem dúvida, aos importantes logros de triatletas como o ordense Ivám Ranha e o ferrolano Xavier Gomes Noia.

O palmarés de Ranha é espectacular, situando-se como um dos desportistas galegos mais laureados de todos os tempos. Campeom da Europa duas vezes (2001 e 2002), subcampeom em 2001, campeom do mundo em 2002, subcampeom em 2004 e 2003 e um quinto posto nas Olimpíadas de Sidney, além de ter atingido em várias ocasiões o pri-

O crescimento deste desporto deve-lhe muito, sem dúvida, aos importantes logros de triatletas como o ordense Ivám Ranha e o ferrolano Gomes Noia, segundo na Taça de Aqaba

meiro posto em provas puntuáveis para a Taça do Mundo. Até agora, só nom saboreou prémios maiores nos Jogos Olímpicos.

Por sua vez, Gomes Noia está chamado a ser o sucessor de Ivám Ranha, depois de superar os seus problemas com a Fedraçom Espanhola de Triatlo que lhe tinha retirado a licença para competir argumentando motivos de saúde. O ferrolano, campeom do mundo sub-23 em 2003, fora excluído por este motivo da lista para os Jogos Olímpicos de Atenas, decisom que gerou umha formidável polémica no triatlo estatal. No entanto, isto nom foi impedimento para que Gomes Noia continuasse crescendo como triatleta.

No começo de Março confirmou a sua alternativa para optar a tudo na Taça do Mundo. Gomes Noia foi segundo na Taça do Mundo de Aqaba (Jordânia), segunda prova puntuável do calendario de 2006, enquanto o seu companheiro Ivám Ranha assinava um sexto posto. O triatleta galego dominou a prova do princípio ao fim e só foi superado no sprint final polo grandíssimo triatleta ucraniano Polikarpenko.

Desta maneira, Gomes Noia situa-se no terceiro posto da classificaçom mundial depois de ser décimo na primeira prova de Doha. O domínio dos galegos a respeito de outros triatletas de outras partes do Estado pode comprovar-se se analisamos a classificaçom da prova de Doha. O melhor classificado depois dos galegos foi um catalám que finalizou décimo sétimo. Com certeza, os nossos dous triatletas continuarán a dar êxitos de primeira magnitude ao desporto galego.

O Alfaiate
CAFÉ

Campos de Lameira, 20
CORUNHA

PATACHIM

taberna boémia
beira-mar, 16 corunha

R
A
S
E

Churrueca 8 - VIGO

libreria
couceiro

libreria
couceiro

Livraria
A Palavra Perduda

Rua Castanheiros 13 RIC (esquina Pelámios)
15705 - Santiago de Compostela
Telf: 981554045 / Fax: 981554990
E-mail: perdida@writerbook.net



| PANCHEZ | ADUANEIROS SEM FRONTEIRAS |

"O humor galego é um sinal de identidade que se usa como escudo e espada simultaneamente"

ALONSO VIDAL / O humor é o mensageiro da mensagem, dizem. Nele vai, embrulhada para o sorriso, a ideia a combater. Por esse motivo é às vezes tam contundente. Noutras ocasións empurra-nos a reflectir sobre os restos do naufrágio antes de nos convidar amavelmente a umha nova singradura. É por isso que é tam necessário. Nesta terra onde até os patriarcas também quererian ser humoristas... sabemo-lo bem. E à menor ocasiom armamo-nos de retranca e combatemos. Se nom ganhamos a batalha, sempre fica ao menos o sorriso cúmplice.. Pánchez cresceu na freguesia viguesa de Beade, co-fundador no exílio do sítio web aduaneirossemfronteiras, actualmente mora na Galiza e desenvolve a sua actividade profissional como desenhador e criativo. Estivemos a falar com ele. Informalmente, claro. Nom poderia ser de outra forma.

- Tanto acreditades no poder do humor para transformar, ou simplesmente vestir, a realidade nua?
- Acreditamos. O humor é umha poderosa arma de guerrilha, sobretudo para o galego e a galega. O humor galego é um sinal de identidade e muitas vezes usa-se como escudo e espada simultaneamente: possivelmente seja a melhor arma que desenvolveu a colectividade galega na história. É um humor reflexivo que deixa no rival sempre um interrogante incendiário; e também serve para dizer sem dizer muitas cousas que som, digamos, inomináveis.

- Como nasceu Aduaneiros?
- Embora aduaneirossemfronteiras sempre existisse no tempo e no espaço, o certo é que foi no mês de Março de 2004 quando iniciou a sua caminhada na rede.

- Ironia, retranca... o nome já é umha declaração de intençons...
- Certo, o nome diz tudo, fai reflectir sobre a existência das alfândegas ou a ausência destas; de um colectivo profissional órfao da sua própria definição.

- E sem fronteiras que vigiar, que se pode fazer?
- Apesar do nome nom somos umha ONG no sentido habitual que se dá a este termo associativo; somos antes um órgão de expressom e reflexom interessado no que é a identidade cultural do nosso país nos actuais tempos de mudanças sucessivas e repentinas. Desde que começou a caminhada da obra social já organizamos dous concursos de 'fotografia anecdótica' que ao meu ver conformam um valioso banco de imagens definitórias da nossa realidade

e de que podem ser consultadas como documentação gráfica. O carácter popular destes recursos é especialmente importante para nós. Assim, também, trabalhamos num seminário de recuperaçom tipográfica objecto de estudo que acreditamos ser também representativo de umha identidade tipográfica própria.

- E é que a "globalizaçom" levou ao desemprego muitos aduaneiros, nom é? Quantos sodes e comos vos relacionades?
- Estamos, para além de eu mesmo, o Berto e a Aduaneira; a verdade é que a forma organizativa é pontual, e geralmente nom nos vemos os rostos, mantemos conversas quase sempre na distância, algunhas vezes com milhares de quilómetros entre nós, e de sítios dispares. Hoje a tecnologia permite trabalhar num comboio, num café, na casa ou mesmo num chango na rua, umha itinerância que também é definitiva do que é o ente galaico.

- Também investigades "os santos mistérios da sociedade, política e cultura galegas, de um ponto de vista humorístico". Que conclusom tirades?
- Bom, o interessante de todo este projecto é ver a reacçom da gente, porque realmente é a

gente a que entranha os santos mistérios sócio-culturais da galeguidade, ao terem um contacto directo favorecido polo formato blogue. O que acontece em cada tema apresentado é que este incide como um espelho da sociedade que se expressa em prol, contra ou como lhe peta, e é esta mesma a que reage criando debate. As propostas gráficas som simplesmente propostas a debater, ou a opinar, nom por nós, mas polo público em geral.

- E, polo que se vê, o público reage muito positivamente ao vosso trabalho...
- Pois parece ser que assumiu ASF de um jeito positivo ou polo menos isso é o que costumam expressar. Ainda que, se dixessem outra cousa, havia-nos de dar o mesmo, seguramente.

- Contra Fraga ria-se melhor?
- Buff, evidentemente Dom Manuel era um 'filom'. Quando mudou o governo muitos humoristas gráficos botáram as maos à cabeça. De facto, acho que lhe figérom umha homenagem. Há que entender que Dom Manuel a estes efeitos foi matéria prima de primeira qualidade. Eu também tive uns minutos de nihilismo. Depois dixem para mim: bom, agora vem o difícil!

Elogio da traíçom

◆
QUICO CADAVAL
◆

Umha vez, visitava eu um admirado vulto da cultura galega, um quase devanceiro. Eu ostentava umha camisola (em Lisboa, T-shirt) com um retrato de Gerónimo e um texto: Em galego, sem reservas. O histórico galeguista dixo: "Mira põ indio que bem fala português". Eu alarmei-me, se alguém culto como ele era impermeável à minha propaganda lusista, as esperanças de convencer as camadas iletradas e castelanizadas de metrópoles, esvaeciam-se como lágrimas na chuva. O reintegracionismo, aproximar o galego à escrita do português, é umha corrente bem antipática para o povo beneficiário.

Porquê? Será porque nos afastamos do espanhol, a língua que come pantrigo e nom broa azeda? Nom tal. É porque o reintegracionismo, modesto movimento cultural, incontestável no plano teórico, é um tobo de antipáticos. Publicamente, só utilizam a nossa ortografia os War Children dos movimentos patrióticos que, fascinados polo 'tz' do basco, querem fazer o 'nh' igualmente temível para o assustado império espanhol.

Em segundo lugar, aparecem cachorros miméticos do rock radical (kanha!!) que para o dia a seguir do concerto vestem a gravata e o espanhol, e em terceiro lugar os piores, os que falam português de Lisboa (umha língua capitalina com os mesmos defeitos do madrilenho e do parigien) para se distinguirem do povo, num acto de arribismo de origem traumático-infantil (que lhes aconteceria nas primeiras romarias?!), que dizem atelier, bolota, workshop, comboio, e só podem falar bem na sua gerigonça quando se reúnem com os da sua seita. Um aviso: podes ser reintegracionista e falar galego.

Um escuro plano: quando alguém é mui antipático o melhor que pode fazer pola causa, é passar-se ao inimigo e desprestigá-lo. Falade espanhol, a pátria agradecerá o leve e doloroso sacrificio.